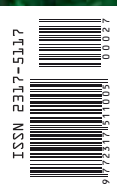


Cumbuca

Maio · Ano VII · 2020 · R\$10,00



EDISE

ACESSE O CANAL OFICIAL DO GOVERNO NO COMBATE AO CORONAVÍRUS



No enfrentamento à pandemia causada pelo Coronavírus, o Governo de Sergipe abre um canal de comunicação para a população, com notícias, boletins e informações seguras.



todoscontraocoronavirus.net.br





EDISE

Expediente

Editor

Amaral Cavalcante

Produção

Cândida Oliveira

Design Gráfico

Clara Macedo

Gabi Etinger

Liz Carvalhal

Revisão

Yuri Gagarin

Cândida Oliveira

Coordenador de Pré-impressão

Marcos Nascimento

Gerente Editorial

Jeferson Melo

Colaboradores - Neste Número

Rafael Galvão (publicitário) • Gilmara Costa (jornalista) • Sylvia Leite (jornalista) • Netto Ribeiro (jornalista) • Wolney Nascimento Santos (mestre em cinema) • Anderson Ribeiro (jornalista) • Crislaine Carvalho (advogada) • Robervan Barbosa (professor) • Eva Maria Siqueira Alves (professora titular/UFS) • João Paulo Gama Oliveira (professor adjunto/UFS) • Wallace Douglas (historiador)

Cumbuca

Ano VII | Número 27

cumbuca@segrase.se.gov.br

(79) 3205-7421/7400

Rua Propriá, 227 - Centro

Aracaju - SE

CEP: 49010-020



Governo do Estado de Sergipe

Governador

Belivaldo Chagas Silva

Secretário de Estado de Governo

José Carlos Felizola Soares Filho

Secretário de Estado da Comunicação

José Sales Neto



Serviços Gráficos de Sergipe

Diretor-Presidente

Ricardo José Roriz Silva Cruz

Diretor Industrial

Milton Alves

Diretora Administrativa Financeiro

Maria das Graças Souza Garcez

A Revista Cumbuca não se responsabiliza por conceitos emitidos nas matérias assinadas.

Cumbuca conta com o apoio da Secretaria de Comunicação Social do Governo do Estado de Sergipe.

carta ao leitor

São tempos difíceis, mas a arte também salva, e a revista Cumbuca chega à 27ª edição levando cultura, informação e entretenimento aos leitores. A publicação apresenta como artigo de destaque 'O tempo passa até nos quadrinhos', de Rafael Galvão. Os 'Sopros e aspirios no destaque da gaita em Sergipe', apresenta a safra sergipana de músicos, um texto de Gilmara Costa.

Sylvia Leite em 'Ini ou rede de dormir, um utensílio que se tornou símbolo de brasilidade' relata como a rede além de ninar sonos infantis e de adultos, também tem outras utilidades, uma peça versátil. A poesia nesta edição é de Anderson Ribeiro. 'As aventuras de Seu Euclides – parafusos: um cinema negros de bonecos', de Wolney Nascimento Santos, conta sobre a produção do filme 'Parafusos' (2007), de Marcelo Roque.

'Abra a porta, que o vento dos 30 anos da Lacertae vai passar', de Netto Ribeiro descreve a criação e permanência da banda Lacertae no universo musical. 'Atheneu Sergipense – 150 anos de história', de Eva Maria Siqueira Alves e João Paulo Gama Oliveira. Eles descrevem a vida longa dessa unidade de ensino, que passou por diversas mudanças ao longo do tempo.

'Elementos espanhóis em Sergipe del Rey', de Robervan Barbosa narra que Sergipe guarda riquezas históricas reveladas e ainda por descobrir de diversos povos indígenas, africanos, e também os espanhóis. O 'Cortejo dos Caretas de Ribeirópolis', de Crislaine Carvalho é um folguedo criado em meados do século XX, a abordagem exhibe como acontece a festa. 'A Hemeroteca e o acervo do Diário Oficial do Estado de Sergipe', são temas do artigo de Wallace Douglas.



Capa:
Gabi Etinger



O tempo passa até nos quadrinhos
Rafael Galvão

Sopros e aspirios no destaque
da gaita em Sergipe
Gilmara Costa

Errata: A matéria "Envelhecimento mais inclusivo: construindo o sujeito da terceira idade", assinada pela Drª. Patrícia Verônica Nunes Carvalho Sobral de Souza, na edição nº 26 não constou no índice, pedimos desculpas.

16

Ini ou rede de dormir
Sylvia Leite



42

Poesia
Anderson Ribeiro

48



Festa de Reis do Município de Ribeirópolis
tradicional "Cortejo dos Caretas"
Crislaine Carvalho

24

Abra a porta, que o vento dos anos 30
da Lacertae vai passar
Netto Ribeiro



32

As aventuras de Seu Euclides: parafusos
Wolney Nascimento Santos



52



Elementos espanhóis em Sergipe del Rey
Robervan Barbosa

56

Atheneu Sergipense - 150 anos de história
Eva Maria Siqueira Alves
João Paulo Gama Oliveira



64

A Hemeroteca e o acervo do
Diário Oficial do Estado de Sergipe
Wallace Douglas



O tempo passa até nos quadrinhos

Rafael Galvão



Cena um: há alguns anos, numa banca de revistas, um sujeito grisalho futuca a seção de revistas de super-heróis. Minha primeira reação é de susto calado: o que esse coroa está fazendo lendo revistinhas de super-herói?

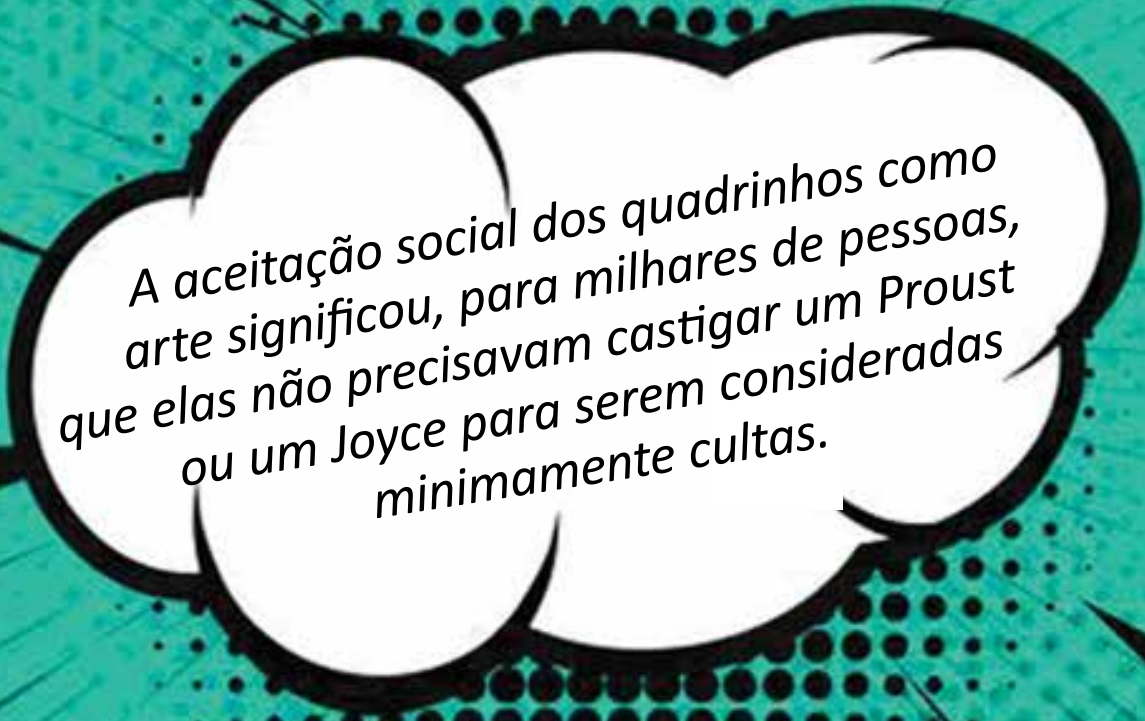
Cena dois: um amigo, Edilson, leitor e colecionador de quadrinhos há mais de 40 anos, sai do cinema onde foi assistir a “Homem Aranha: Longe de Casa” e se submete à extrema humilhação de, ao reclamar do novo Peter Parker como discípulo humílimo de Tony Stark, ouvir de um adolescente: você não entende nada de quadrinhos. As duas cenas parecem não ter nada a ver uma com a outra, mas têm. Eu e Edilson estávamos errados.

O sujeito grisalho na banca de revistas não era

mais que alguns anos mais velho que eu, se tanto — vai ver ele era só mais acabado, mesmo. Eu não percebi algo que devia ser óbvio: aquele senhor vetusto, fruto envergonhado dos anos 80 como eu, cresceu lendo os mesmos quadrinhos que eu lia. O meu susto então se devia especificamente a um preconceito: para mim, criado em outros tempos, quadrinhos eram leitura de crianças e adolescentes — ou pessoas descalibradas como o personagem de Richard Gere em *Breathless*, o que não é muito diferente.

A minha foi a primeira geração que levou esse padrão de leitura para a idade adulta, e não sei se porque os roteiros ficaram mais complexos, ou porque nós ficamos mais infantilizados; ultimamente, tendo a botar mais fé na última hipótese. Estranhar o velhinho na banca de revistas é muito mais que uma recusa estúpida a admitir que envelheci: é não compreender que a minha geração transformou a maneira como se consome quadrinhos. Nós demos legitimidade cultural ao que era visto, até então, como algo meramente comercial e inferior. Duro de aceitar é que isso foi





A aceitação social dos quadrinhos como arte significou, para milhares de pessoas, que elas não precisavam castigar um Proust ou um Joyce para serem consideradas minimamente cultas.

também o resultado de um processo generalizado de emburrecimento. Em qualquer lugar hoje se vê gente falando de quadrinhos como alta literatura, ou seu equivalente, com a mesma seriedade que reservaria a um Faulkner. A aceitação social dos quadrinhos como arte significou, para milhares de pessoas, que elas não precisavam castigar um Proust ou um Joyce para serem consideradas minimamente cultas.

Mas justamente por não serem alta literatura, por estarem em primeiro lugar submetidos às lógicas do mercado e dos tempos, os quadrinhos são emi-

nentemente mutantes, como os X-Men. Eles dialogam quase que exclusivamente com o seu tempo, e têm a liberdade de fazer tábula rasa do passado. Não interessa que você leia “No Caminho de Swann” em 1913, 1955 ou 2016: Gilber- te vai ser sempre Gilberte, a menina do seu tempo percebida pela sensibilidade infantil de um mariquinhas que gostava de madeleines e que durante muito tempo costumava deitar-se cedo. Mas o Batman adquire sempre as cores do presente: o justo implacável dos anos 30, o detetive infantilizado dos anos 50, o borderline dos anos 90.

Acredito que os meninos de hoje olhem para as histórias de que gosto — a não ser quando transformadas pelo cinema, como a origem do Homem de Ferro ou as partes de “Capitão América: Soldado Invernal” inspiradas nas histórias que eu acompanhava no início dos anos 80 — e as desprezem por serem simplórias, óbvias, esquemáticas demais.

Por isso o Edílson se sentiu profundamente ofendido por aquele trombadinha arrogante. O problema é que o moleque tinha razão.

Imagine um sujeito de seus 40 anos em 1990, que passou a infância e a adolescência lendo Batman ou Homem Aranha. Ele lia histórias com uma dinâmica estrutural que ainda pertencia aos quadrinhos idiotizados dos anos 50, guiados pela hecatombe de “A Sedução dos Inocentes” — talvez nem tivessem chegado a Stan Lee. Agora imagine-o assistindo, horrorizado, à transformação de heróis tão seus conhecidos. Ele olharia para o Batman de Frank Miller e diria não, não é isso, vocês não entenderam o personagem. Vocês não entendem de quadrinhos.

Ao estranhar o novo Peter Parker, ao desprezar seu conformismo submisso e a relação de dependência não só ao grande capital, mas à figura paterna acolhedora que Tony Stark representa para uma geração que não sabe mais o que é passear na rua, que sequer tem coragem de ir sozinha à banca de revistas da esquina, eu e o Edílson simplesmente não conseguimos admitir que os quadrinhos mudaram, falam para um público que não é mais o nosso. Pior, nos recusamos a entender que nada disso faz desse Peter Parker lambe-botas menos verdadeiro do que o que acompanhávamos todos os meses nas revistinhas da hoje desgraçada Editora Abril.

Quadrinhos são assim mesmo. Já faz tempo que deixei de acompanhar esse mundo. Eu não consigo gostar, geralmente nem mesmo entender, de virtualmente nada do que se faz hoje. Quando abando-







nei esse universo, eu sentia falta de alguma simplicidade. Para mim, é tudo complicado e confuso demais, e o que era um golpe de marketing em 1992 se tornou a regra, como a morte dos super-heróis e sua substituição por qualquer bizarrice que atenda ao *zeitgeist*. Acredito que os meninos de hoje olhem para as histórias de que gosto — a não ser quando transformadas pelo cinema, como a origem do Homem de Ferro ou as partes de “Capitão América: Soldado Invernal” inspiradas nas histórias que eu acompanhava no início dos anos 80 — e as desprezem por serem simplórias, óbvias, esquemáticas demais. Em resumo, infantis. Mais ou menos como eu olhava as historinhas desenhadas pelo Jerry Robinson, e que hoje leio feliz e nostálgico no tablet.

O Peter Parker de 1963 era o resultado do olhar de um sujeito nascido nos anos 20 sobre o que eram os baby boomers (alguém deve ter falado em algum lugar que o Aranha é o primeiro grande herói baby boomer, não é possível que ninguém tenha escrito sobre isso). Era um olhar de fora, com os limites de compreensão que o gap geracional condicionava. Por genial que fosse, Stan Lee era um sujeito de outro tempo tentando compreender uma geração que começou a exercer seu protagonismo nos anos 60 e 70. O novo Aranha, que antevi em meio a engulhos em *Spider Man: Homecoming*, reflete necessariamente uma geração diferente, de millenials e Y’ers e X’ers e seja lá qual o nome dessa menina: garotos mais de-



pendentes do que fomos, com uma ética de vida e de trabalho diferentes da minha, e cujo maior sonho é serem completamente inseridos no establishment e chamar Tony Stark de painho. Eu sou suspeito para falar deles porque os tenho em muito baixa consideração, mas não é possível relevar o fato óbvio de que é a sua sensibilidade que define o que será feito desses personagens, as maneiras como suas histórias serão conduzidas. Eles estão acostumados a padrões narrativos e artísticos que eu não consigo mais, nem quero, entender.

Mas me sobrou um mínimo de racionalidade. Já passei da idade de ter que achar que tudo o que é novo é bom, por-

que não é, e espero que os longos anos que passei neste vale de lágrimas tenham sido suficientes para me conferir algum juízo e integridade. E por isso, do alto da sabedoria e da maturidade que os cabelos brancos supostamente me conferem, eu sinceramente acho que o Edilson deveria ter dado um cascudo naquele pivete idiota e dito pra ele: o meu Homem Aranha é melhor que o seu. ■

Sopros e aspiros no destaque da gaita em Sergipe

Músicos em sonoridade, criação, shows e compartilhamento de técnica do instrumento



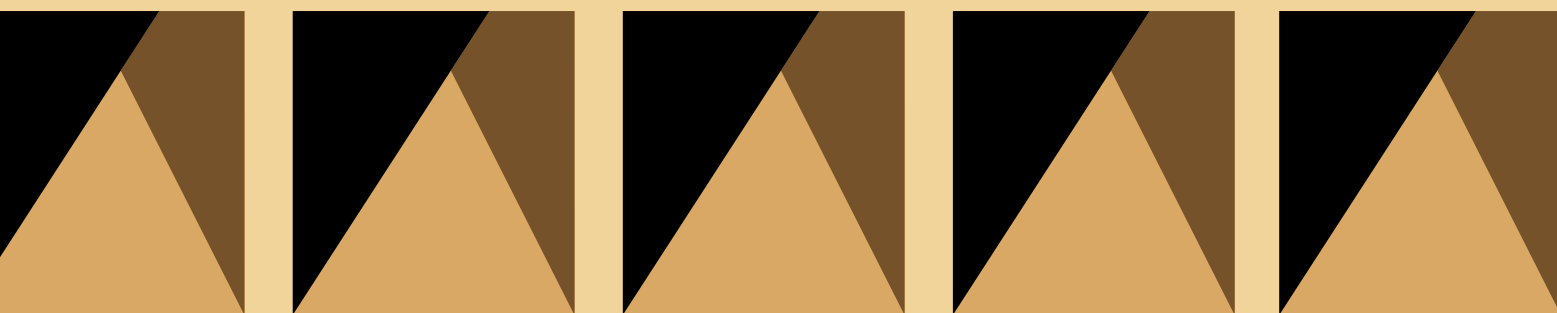
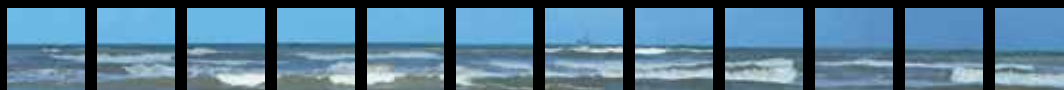
Gilmara Costa

É na invisibilidade dos orifícios, no pa-
pável instrumento de dimensões (co-
mumente!) reduzidas a caber no bolso e
produzir sonoridade ecoante ao sopro sen-
sível e certo, que a beleza de notas no
improviso de quem é habilidoso a recriar
musicalidades se faz encanto nos mais re-
lativizados ouvidos. Constantemente figu-
rante de primeira linha no palco e arran-
jos, a gaita ganha espaço e vira protagonis-
ta passageira na interpretação de canções
de gêneros diversos e também assume,
com a maestria que te cabe, o papel de as-
tro permanente na roda de rua; no palco
do teatro, nos encontros domingueiros da
calçada à beira mar.

Na pequena territorialidade do esta-
do de Sergipe, a gaita é agigantada pela
respiração (re)existente de músicos que
reconheceram no instrumento as possi-

bilidades diversas e continuam a desafiar
a liberdade das palhetas; o diafragma em
cada sopro e aspirio; o tempo em cada nota
e nos chamados ‘bends’ (efeitos sonoros da
gaita). Entre eles, os referenciais Jorge Via-
na, com ensinamentos aos jovens gaitistas
Igor Côrtes e Mateus Santana, que per-
correm caminhos diversos e complemen-
tares; o folclórico Agapito, com técnica ex-
pressiva e intuitiva tocante em palco, rua
e encontros; e Júlio Rêgo, instrumentista
que se despertou gaitista ao ouvir o disco
‘Água Mineral’, da banda Blues Etílicos;
fez-se aluno de Flávio Guimarães, inte-
grante; tornou-se artista lá fora e retornou
ao país com fôlego de sobra para explorar
o instrumento.

“Quando morei fora, na Europa,
me descobri artista. Toquei em muito
em rua e barzinhos. Cheguei a gravar al-



gumas coisas lá fora. Quando voltei, em 2000, passei a tocar profissionalmente em Sergipe. E então tenho trabalhos com a banda Maria Scombona, Nino Karvan, Marco Vilane, e o grupo Café Pequeno, na companhia de Pedrinho Mendonça e Guga Montalvão. Chegamos a gravar três discos, tendo lançado dois e viajado bastante, participando em festivais. E nesse período, sempre ficava tentando reinventar a linguagem da gaita, pois queria fazer a gaita nordestina que tivesse um sotaque próprio”, lembrou Júlio Rêgo.

Num encontro do desejo do fazer música, técnica, conhecimento acadêmico e talento, o professor de gaita e artista Igor Côrtes, com uma didática própria e características do tocar gaita, compartilha o conhecimento sonoros e respiratórios àqueles que apreciam o instrumento pela intensi-

Constantemente figurante de primeira linha no palco e arranjos, a gaita ganha espaço e vira protagonista passageira na interpretação de canções de gêneros diversos e também assume, com a maestria que te cabe, o papel de astro permanente na roda de rua; no palco do teatro, nos encontros domingueiros da calçada à beira mar.

Foto: Igor Souza



Lucas Pinheiro e Igor Côrtes apresentam releituras de tango no Falando em Gaita

dade do som. “A gaita pode ser um instrumento muito fácil de ser tocado, pois basta soprar ou aspirar que sai som. E com isso já há música, de uma maneira simples. Entretanto se aprofundar em técnicas pode levar o instrumentista a incríveis descobertas, possibilidades de executar músicas mais complexas e, com isso, um grande enriquecimento musical. Penso que muita gente interessada em aprender a tocar gaita não ultrapasse certas dificuldades por falta de foco, de estímulo. De qualquer modo, gaita não se diferencia de qualquer outro instrumento. Dessa maneira, tocar gaita não é nada impossível. Basta querer e se dedicar”, afirmou Igor Cortês que, junto a Lucas Pinheiro tem um projeto de interpretação de tango de impressionar o baile das palhetas livres tão quanto o jogo de pernas dos bailarinos.

Na complementariedade de um trio vibrante do eco gaitista em Sergipe, Mateus Santana, gaitista e luthier do instru-

mento de sopro, tendo vários deles espalhados por todo o mundo, encantando grandes nomes como Jeferson Gonçalves e Otávio, além de estrangeiros. Inclinado ao blues, curioso pela sonoridade e diante a necessidade de consertar o instrumento incansavelmente requisitado entre beijos, mãos em concha e fôlego, tornou-se luthier e é assistente autorizado da Sydel no Brasil. “Comecei como músico, mas a gaita quebra e por aqui não tinha ninguém. E como na época eu tinha uma gaita, no máximo duas, aí demorava um mês para retornar de São Paulo, e eu ficava sem instrumento, agoniado. Foi então que pensei em dar um jeito nisso, comecei a mexer, me identifiquei com o processo, gostei muito, e hoje eu faço parte de uma autorizada de uma marca alemã aqui no Brasil, que é a Seydel. Comecei com a marca nacional Hering e continuo fazendo minhas pesquisas com gaitas em madeira de lei. Como moro numa cidade histórica, isso se torna um pouco fácil, como existem os

casarões antigos, consigo aproveitar a madeira de móveis velhos para fazer parte da gaita. É uma espécie de reciclagem, pois pego uma madeira que seria destinada ao lixo, madeiras boas, trato, faço a gaita e toco”, contou.

Falando em Gaita

Com vivências diferenciadas; conhecimentos diversos e intuições multiplicadas, o trio de gaitistas Igor Côrtes, Júlio Rêgo e Mateus Santana, resolveu amplificar o som do instrumentos, compartilhar técnica e expandir encantos com o evento ‘Falando em Gaita’, numa noite memorável e saudosa no Parque dos Cajueiros. “Cada um tem as respectivas especializações, resultados de vivências e experiências ao longo do tempo com a gaita. Da estrutura do instrumento aos diversos estilos



Foto: Igor Souza

**Mateus Santana
e Júlio Rêgo no
Falando em Gaita**



Igor Côrtes

Na pequena territorialidade do estado de Sergipe, a gaita é agigantada pela respiração (re)existente de músicos que reconheceram no instrumento as possibilidades diversas e continuam a desafiar a liberdade das palhetas.

musicais onde ele é aplicado, passando por diferentes tipos de gaita (cromática, diatônica, gaita baixo, etc) , bem como abordagens metodológicas de aprendizado, abrangemos variados aspectos de interesse que a gaita pode instigar. Foi um diálogo proveitoso e surpreendente diante da presença do público”, afirmou Igor Côrtes.

Em recente apresentação no palco do projeto ‘Quinta Instrumental’, na Praça General Valadão, o trio fez da gaita a protagonista da noite, num show sensivelmente comunicativo entre palhetas e notas, repertório diversificado e momentos sinceros de harmonia sonora, ora individual, ora coletivo, sendo a gaita o elo de sopros e som. “ A gaita foi a estrela desse

encontro, que denominamos Gaita Sergipe. Houve momentos em que os três gaitistas tocaram juntos no palco, mas em outros, cada um de nós apresentou temas individualmente acompanhado por outros instrumentistas”, explicou Júlio Rêgo.

É assim...

E na atuação - ora solitária, ora coletiva -, nas particularidades intuitivas do fazer o som da gaita e nas diferentes frentes de ‘despertares’, são eles os gaitistas que fazem a cena musical no estado, numa reinvenção constante, descobertas e desejo

de colocar a gaita em evidência, sempre. Isso de maneira sensivelmente notória a cada pequeno ato de sopro, recomposição de fôlego no confronto com excentricidade equivocada da gaita em relação a outros instrumentos.

“Me parece que há uma certa mística em torno da gaita e ela é considerada meio que um instrumento de brinquedo, não sei, algo que não se leva muito a sério quando comparada a outros instrumentos. Para se ter uma ideia do que falo, o gaúcho Edu da Gaita (1916-1982), considerado internacionalmente como um gênio do instrumento, tinha o seu registro da Ordem dos Músicos como “músico excêntrico”. Em sua época a gaita não era considerada mesmo um instrumento de frente, como um violino em uma orquestra, por exemplo.



Foto: Yuri Côrtes

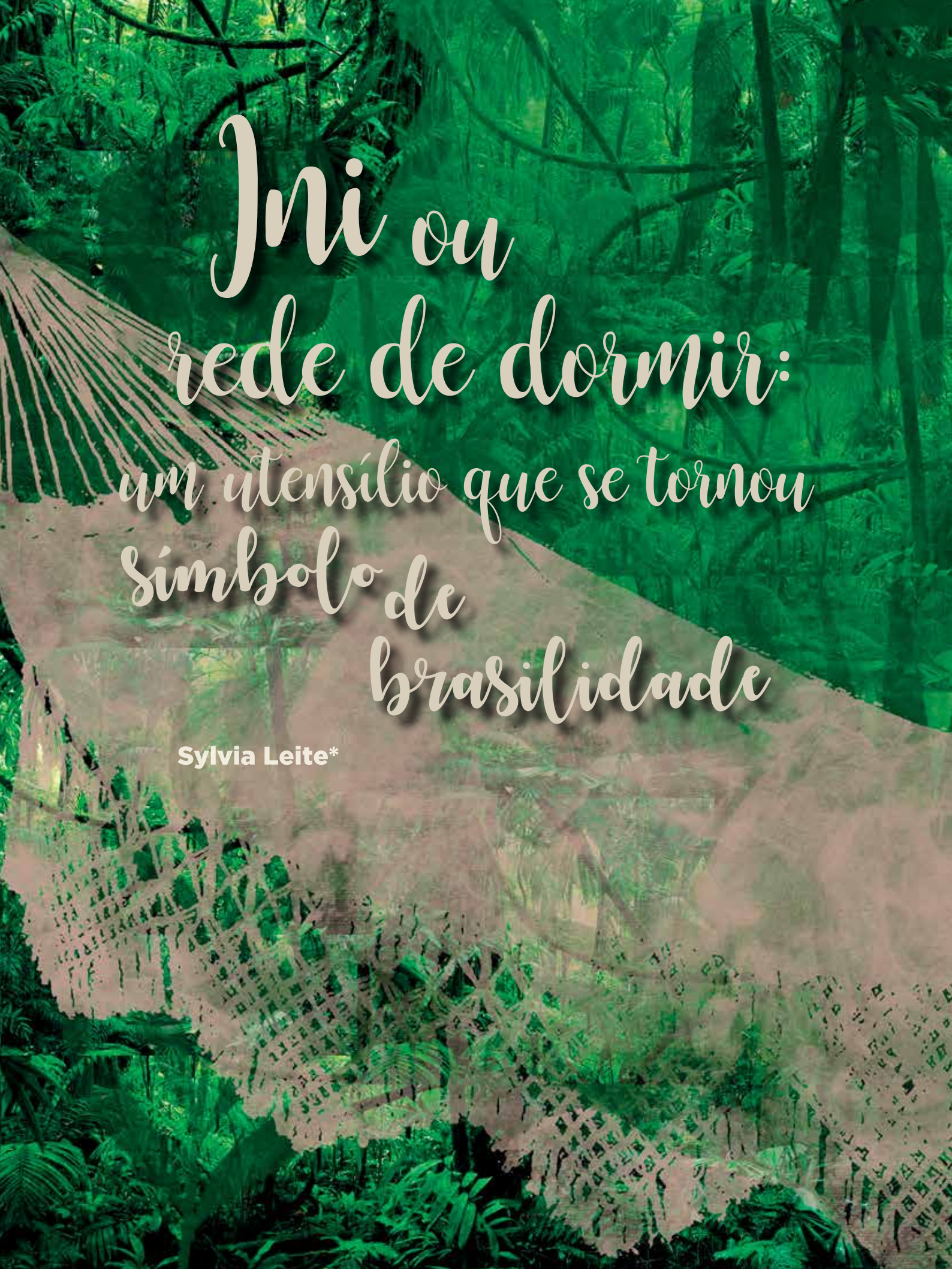
Júlio Rêgo

Esse estigma equivocado ainda é carregado até hoje, embora a gaita seja capaz das mais expressivas possibilidades musicais”, afirmou Júlio Rêgo, que tem o nome - direta e proporcionalmente ao jeito de tocar gaita - ligado ao instrumento, explicou Júlio Rêgo. 



Foto: Fernando Correia

Mateus Santana



Ini ou rede de dormir: um utensílio que se tornou símbolo de brasilidade

Sylvia Leite*



Nós o conhecemos como rede de dormir, mas, para seus primeiros usuários, esse leito suspenso, que eles próprios teciam, tinha o nome de ini. Era fácil de transportar e podia ser usado para outros fins, como carregar mortos até o túmulo. Seu ‘exotismo’ impressionou os colonizadores e seu carisma o levou às páginas de ficção - de simples histórias em quadrinhos, com personagens como o Zé Carioca, do americano Walt Disney, à mais apurada literatura,

como o festejado Macunaíma, do brasileiro Mário de Andrade.

Atualmente, a ini, ou rede de dormir parece estar mais identificada com as regiões Norte e Nordeste, aonde ainda é bastante usada seja para dormir, ou para embalar crianças e bebês. A rede serve, ainda, nos tempos atuais, como mobiliário de descanso em terraços e varandas**, mas essa utilização pode ser vista também em outras partes do país, predominantemente em fazendas ou casas de praia.



De onde vem a ini, ou rede de dormir

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, a rede era feita com fios trançados e assemelhava-se a redes de pescar, por isso Pero Vaz de Caminha a batizou com esse nome, sem sequer perguntar aos nativos como eles chamavam aquele utensílio. O nome pegou e, hoje, mesmo entre os que dormem ou descansam em redes, poucos sabem que ini era seu nome original.

A rede também existia, e ainda existe, em outras partes da América, especialmente no Sul e no Caribe, onde é chamada de hamaca - palavra espanhola que tem origem no idioma indígena taíno e, da mesma forma que a palavra portuguesa, também denomina as redes de pescar.

A rede ou ini
foi levada as páginas
de ficção - de simples
histórias em quadrinhos, com
personagens como o Zé Carioca,
do americano Walt Disney, à
mais apurada literatura, como
o festejado Macunaíma,
do brasileiro Mário de
Andrade.

Sua origem exata, no entanto, parece não ser conhecida. Segundo o antropólogo e historiador Luís da Câmara Cascudo, pesquisas antropológicas realizadas pelo mundo afora indicam que a rede de dormir era um utensílio desconhecido na África e Ásia antes de ser introduzido por

Exposição Vaivém

Fotos: Sylvia Leite

Portugueses e Espanhóis. Também não foi encontrada na Oceania. O mais provável é que tenha surgido na América pelas mãos das tribos Caraíba ou Aruaque.

Embora os portugueses tenham demonstrado desconhecimento e surpresa em relação ao uso de leitos suspensos pelos nativos locais, uma imagem de rede já estava registrada, desde o século 14, no Saltério de Lutrell - uma espécie de manuscrito iluminado (ilustrado com iluminuras) composto por Salmos, muito comum na Idade Média, que foi encomendado pelo nobre inglês Geoffrey Lutrell entre 1325 e 1340, e hoje é considerado um dos mais raros e preservados documentos do período.

Além dos Salmos, o livro medieval apresenta temas que retratam a vida cotidiana de nobres e camponeses, incluindo elementos do imaginário popular como monstros e outras figuras que desafiam a ordem natural. A rede é vista em apenas uma ilustração e não parece ter grande destaque na temática do livro, mas o simples registro já demonstra a sua existência pelo menos dois séculos antes da chegada dos europeus.

Até onde foi possível apurar, o fato de a rede ter sido registrada em um livro medieval inglês, antes de portugueses e espanhóis chegarem por aqui, não altera a hipótese de que sua origem esteja nas Américas. Apesar disso, os estudos feitos até o momento ainda não conseguem localizá-la precisamente em uma tribo ou país.

A rede como leito

Câmara Cascudo acredita que a ideia da rede pode ter nascido “dos balanços lúdicos nas lianas da mata e ocasionais descansos gostosos num breve sentamen-

to nos cipós curvos que laçavam árvores próximas”. Já sua execução teria sido possibilitada pela resistência flexível dos cipós tropicais e inspirada pela forma gradeada dos puçás (ou pequenas redes de pesca).

A criação da rede também pode ter sido impulsionada pela necessidade de um leito suspenso, que deixasse o usuário livres de incômodos e riscos provocados pelos insetos, e pudesse reduzir a temperatura abafada e morna da mata.

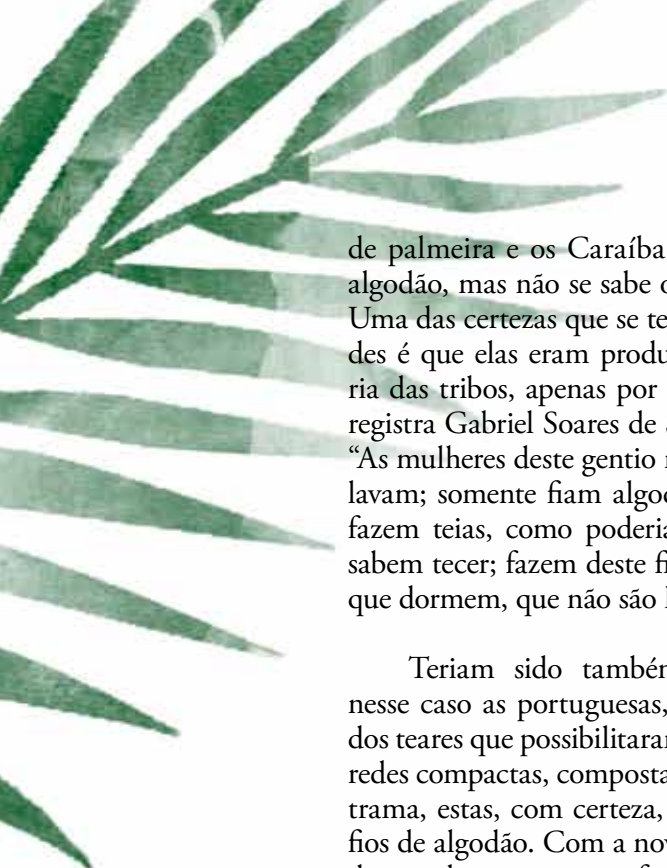
A busca de proteção e conforto para o corpo que dorme pode estar relacionada ao significado que os indígenas davam ao sono. Dormir, para eles, não significava apenas repousar, mas fazer uma viagem enquanto o corpo físico permanece abandonado à sua imobilidade e vulnerável a ataques de inimigos.

Uma história tecida por mulheres

Há uma certa divergência sobre o material original das redes. Segundo Câmara Cascudo os Aruaque usavam fibra



Foto: David Mark por Pixabay



de palmeira e os Caraíba usavam fios de algodão, mas não se sabe o que veio antes. Uma das certezas que se tem acerca das redes é que elas eram produzidas, na maioria das tribos, apenas por mulheres, como registra Gabriel Soares de Sousa, em 1587: “As mulheres deste gentio não cozem, nem lavam; somente fiam algodão, de que não fazem teias, como poderiam; porque não sabem tecer; fazem deste fiado as redes em que dormem, que não são lavradas.”

Teriam sido também as mulheres, nesse caso as portuguesas, as introdutoras dos teares que possibilitaram a produção de redes compactas, compostas por urdidura e trama, estas, com certeza, elaboradas com fios de algodão. Com a nova técnica, as redes ganharam em conforto, tornando-se mais macias, e passaram a ter um caráter ornamental, com franjas e varandas*.

Também as redes artesanais nordestinas teriam sido feitas, por muitas décadas, apenas ou principalmente por mulheres. Somente com a industrialização do produto é que a participação masculina passou a ser expressiva.

O abuso das serpentinas

Como ocorre com quase tudo, a história da rede também tem seu lado negativo. Se por um lado os colonizadores ajudaram em sua evolução com a introdução do tear, por outro a utilizaram como meio de transporte urbano das classes mais altas da sociedade, tendo como tração a força física de negros escravizados.

Exposição Vaivém

Foto: Sylvia Leite



As redes utilizadas para esse fim inspiravam-se nas liteiras portuguesas e espanholas. Eram ornamentadas com dosséis bordados e almofadas, e passaram a ser chamadas de serpentinhas. Segundo Câmara Cascudo, esse meio de transporte era abundante até metade do século 18 e, no Nordeste, permaneceu até os primeiros anos do século 19.

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, a rede era feita com fios trançados e assemelhava-se a redes de pescar, por isso Pero Vaz de Caminha a batizou com esse nome, sem sequer perguntar aos nativos como eles chamavam aquele utensílio.

Seu modelo foi levado pelos portugueses à Ásia e à África e, segundo Cascudo, resistiram por muito tempo em Luanda, Guiné e Goa. Holandeses e judeus que se tornaram os novos proprietários dos engenhos de Pernambuco provavelmente também aderiram ao que o autor chamava de “costume preguiçoso”.

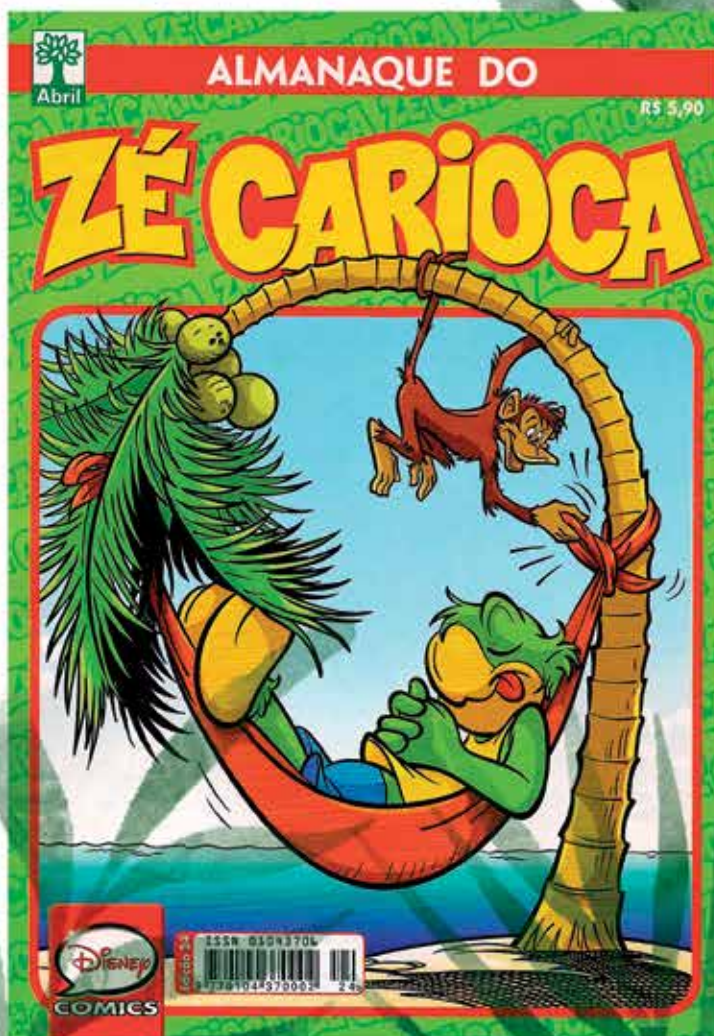
De Zé Carioca a Macunaíma

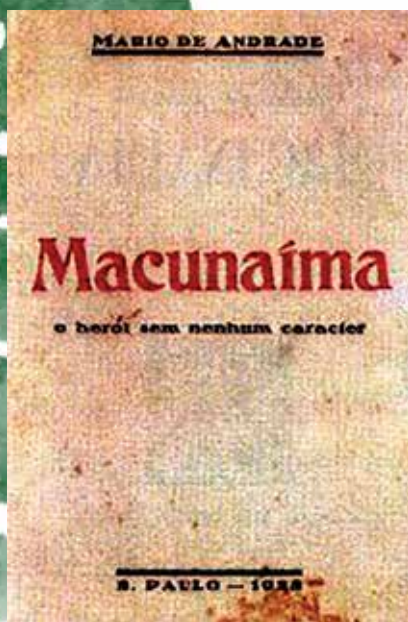
A relação da preguiça com a rede não está presente apenas nos poderosos que eram carregados nelas por negros escravizados. Quem nasceu até os anos 1970,

certamente lembra bem de Zé Carioca, criado por Walt Disney cerca de três décadas antes.

O personagem surgiu a pedido do governo americano como parte da “política da boa vizinhança” que buscava uma aproximação com os países da América Latina. Seu lançamento ocorreu no filme *Alô Amigos*, de 1942, em que Zé Carioca apresenta o Rio de Janeiro a Pato Donald. O filme fez muito sucesso e o personagem passou das telas para os quadrinhos.

Nas revistas, Zé Carioca - e, por meio dele o brasileiro -, foi associado pelos americanos a qualidades como indolência e esperteza. Nas capas, ele sempre aparece deitado na rede, em situações de conforto e relaxamento.





A rede nas expressões populares

Assim como na Amazônia mítica de Macunaíma, em outras partes do país a rede também tinha um papel fundamental no dia a dia das famílias por isso sua imagem era usada metaforicamente na construção de chavões que Câmara Cascudo chamou de “imagens classificativas”. Quando se dizia, por exemplo, que uma pessoa ‘sabia armar a rede’, isso significava que ela tinha grande sabedoria ou habilidade. Os que ‘caíam de rede baixa’ eram os crédulos e inexperientes, que acreditavam em promessas.

Também no romance Macunaíma, o personagem principal, que recebe o mesmo nome da obra, tem a preguiça como sua principal característica e a rede como seu lugar preferido. É na rede que ele dorme, faz sexo e passa muitas horas do dia, matando formigas, comendo beiju, bebendo pajuari ou fumando fava de paricá para ter sonhos alegres e gostosos.

Mas, nesse caso, em lugar do significado literal que assume em outros contextos, a preguiça ganha um caráter simbólico de resistência ao colonialismo e à massificação, transformando Macunaíma em uma espécie um anti-herói que desobedece as regras, desafia os valores e se contrapõe ao racionalismo.

E se nos quadrinhos da Disney a rede está intimamente ligada ao personagem principal, em Macunaíma ela integra o dia a dia dos personagens: a mãe do anti-herói que dorme embaixo dele em uma rede maior, o gigante que adoece e passa meses na rede, ou Ci, a mãe do mato, que trepa na rede para brincar com ele.

Dos covardes dizia-se que ‘cagavam na rede’ e dos desconfiados - com excessos de precaução - dizia-se que ‘dormiam em rede alta’. Os que ‘mijavam na rede’ eram aqueles com comportamento infantil, e os ‘de rede suja’ eram os preguiçosos ou parasitas. Dos vagabundos dizia-se que ‘andavam com a rede nas costas’ e de quem estava em má situação financeira dizia-se que ‘vendeu até a rede’. Os considerados afoitos e destemidos eram tidos como pessoas ‘de rede rasgada’.

‘Pedir conselho à rede’ significava pensar melhor ou dormir uma noite antes de tomar uma decisão. E havia também os ditos. Se alguém fazia um negócio suspeito e se dava mal, as pessoas sentenciavam: ‘quem dorme em rede furada, amanece no chão’.

Guimarães Rosa, em Grande Sertão Veredas, usou uma dessas expressões metafóricas no discurso do personagem Riobaldo: “... De primeiro, eu fazia e mexia, e pensar não pensava. Não possuía os prazos... Mas, agora, feita a folga que me vem, e sem pequenos dессossegos, estou de

range rede. E me inventei neste gosto, de especular ideia...”

Ao longo do tempo, essa tradição oral foi desaparecendo, assim como alguns costumes relacionados ao uso da rede. Sua produção, que antes era inteiramente artesanal, ganhou dimensão de indústria. Seu uso foi sofrendo mudanças ao longo dos anos, mas seja como leito suspenso, lugar de descanso, veículo para transporte de mortos, elemento de brasilidade, ornamento doméstico ou até escultura, a rede pode ser vista como “símbolo de resistência e permanência dos povos originários do Brasil”.*** 

*Chácara Sapucaia - o local onde acredita-se que Mário de Andrade teria escrito Macunaíma.

**Nome dado a uma espécie da faixa lateral, colocada dos dois lados da rede para ornamentação. Como o próprio nome sugere, as varandas são mais ou menos abetas, a depender do projeto. Algumas, mais simples, parecem grades, fitas com fios cruzados presos por nós. Outras, mais elaboradas, assemelham-se a rendas e geralmente são feitas em crochê.

*** Frase veiculada em painéis da exposição Vaivém - curadoria de Raphael Fonseca.

***Jornalista - MTB: 335 DRT-SE**

Referências

Livro

Rede de dormir, de Luís da Câmara Cascudo

Artigos

Análise de fonte medieval: o Saltério de Lutrell, de Giovanni Bruno Alves e Jaime Estevão dos Reis (orientador);

A imagem da nobreza no Saltério de Lutrell, de Giovanni Bruno Alves e Jaime Estevão dos Reis (orientador).

Exposição

Vaivém – curadoria de Raphael Fonseca

Site

<https://www.lugaresdememoria.com.br/search?q=rede>

Abra a porta, que o vento dos 30 anos da Lacertae vai passar

Netto Ribeiro



Numa aldeia recôndita do interior de Sergipe, aos pés de uma serra mística e imponente, nasceu uma das bandas de rock mais originais do país. No início da década de 1990, sob a influência dos cristais da Serra Grande do Campo do Crioulo na cidade de Lagarto, que fica a aproximadamente 75 km da capital, Aracaju, surgiu o Lacertae.

O nome é uma referência à cidade de origem (em latim: lacertae = Lagarto). Essa relação forte com as origens é um detalhe relevante para entender a identidade artística do grupo. Deon Diven (vocal/guitarra) e Aldemir Tacer (bateria/berimbau) são bastante apegados à natureza e às manifestações culturais do Crioulo, e isso se reflete no som orgânico que é produzido. A legendária formação também conta com o icônico Paulo Henrique (vocal/guitarra).

Mais que uma banda de rock - jazz, progressivo, world music, regional e folclore - Lacertae é um símbolo. O ideal de valorizar musicalmente o lugar de origem, inspirou outros garotos a produzir música com suas raízes; grupos como Os Zanimais e The Baggios foram afetados pelo



Show da Expo Alternative de 1997, na Fundação Progresso, Rio de Janeiro



Lacertae

som espontâneo dos lagartenses. Ao jornalista Gastão Moreira, do canal Kazagastão, Júlio Andrade, líder do The Baggios, conta sobre sua inspiração: “O Lacertae foi uma das grandes inspirações, antes de ver o White Stripes, eu vi o Lacertae...”.

Ouvir Lacertae é atravessar um portal místico rumo ao mundo do homem primitivo e nordestino. Como imaginou Adolfo Sá, do zine Cabrunco, publicação da vida underground do país na década de 1990, Deon, Paulo e Tacer são três lagartos sobreviventes da música independente no Brasil. Após o movimento mangue beat, fizeram parte do seleto grupo que conseguiu firmar espaço, quebrando a hegemonia Rio-São Paulo.

Mas não pense o cultural leitor da Cumbuca, que os répteis do rock serigy passaram ilesos por Recife. Foi identificação mútua entre o Lacertae e a Nação Zumbi de Chico Science, e essa ligação resistiu ao tempo. Prova, foi o show da Nação na volta do Festival de Artes

de São Cristóvão (Fasc) em 2017, na mesma noite que marcou também o retorno de Paulo à banda, depois de 20 anos. Momento antológico, em que





Um dos integrantes da banda, Paulo Henrique Souza

Paulinho no meio do show, pega dois ou três livros - um deles um catatau enorme - e depois de folheá-los, aconselha o público: “Leiam Dostoiévski!”.

Deon, Tacer e Paulo

“Um sonho de criança na essência da vida...”

Um ser espirituoso, olhar doce, sorriso brando, comunicativo e faceiro. Esse é Deon Diven, 46 anos. O líder da Lacertae parece carregar consigo a todo instante o garoto esperto do Crioulo e o adolescente fã do Hendrix. A verve hippie e de filósofo do cotidiano do músico, explica a poética de suas letras, quase sempre com um pé na natureza, e outro no transcendental. Toca com magia e feeling próprio, que, ora beira o blues, ora o rock pesado. Tocou com Chico Science, Arnaldo Antunes e Curumim, tendo uma de suas composições gravadas por este último: Esperança, letra em parceria com Lucas Martins.

Introverso, misterioso, e espantosamente inventivo, Aldemir Tacer, 46 anos, é um baterista singular. Com uma baqueta numa das mãos e o berimbau teso na outra, ver Tacer e o seu berindrum em ação é como sentir um homem moderno, fechado em seu mundo, explorando um artefato primitivo, vindo direto do universo

tribal. Criador da técnica berindrum (berimbau acoplado à bateria), apresentou-se no III Mercado Cultural/Strictly Mundial, em Salvador/BA, em 2001, e, no ano seguinte, foi convidado por Benjamim Taubkin para um evento em homenagem ao próprio pianista, feito pela Orquestra Contemporânea de Jazz, em São Paulo.

Artista recluso e típico roqueiro, Paulo Henrique é um cosmopolita. Entusiasta da literatura mundial e considerado pelos companheiros de banda um alquimista do som, é responsável por boa parte da composição da obra do Lacertae ao lado de Deon Diven. Co-fundador, participou da banda até 1997. Além de ter sido vocalista e compositor, criou arranjos ousados com guitarra, bem como inseriu o cabaçofone (instrumento de sopro feito de cabaça e material de construção) e o Scapepercussion (percussão em escapamento de automóvel), no experimentalismo à lá Hermeto Pascoal do grupo.

Abril Pro Rock 96, festivais, jornais e TV

“100 km com um sapato, eu já andei!”

Os músicos da terra de Sílvio Romero, no Abril Pro Rock de 1996 em Recife, foram recebidos por Chico Science,

Do povoado Campo do Crioulo para o mundo, uma relíquia sergipana do rock

que apresentou-os para Recife e para o Brasil como a novidade da cena alternativa da época. No Circo Maluco Beleza, Lacertae subiria ao palco num domingo, mas uma chuva colossal, fez o show ser adiado para uma terça-feira no Recife Antigo. Tocaram com o equipamento dos australianos do Men At Work. Memorável. Na platéia, Science - fã da banda -, China, Karina Buhr, Fred 04, dentre outros bons nomes da cena recifense.

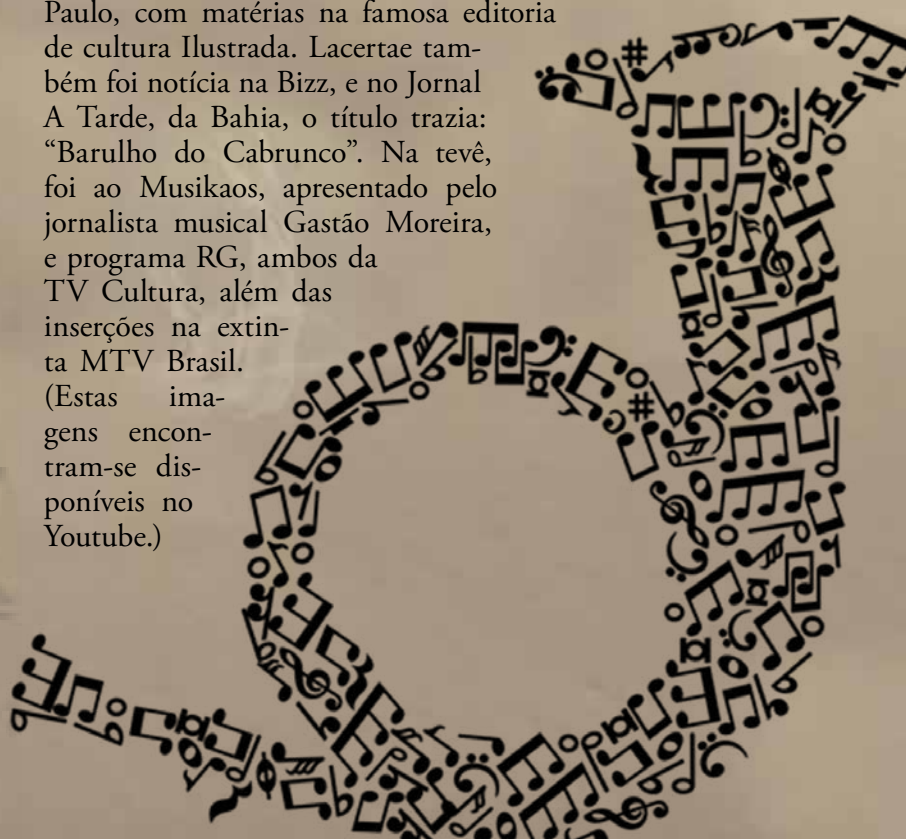
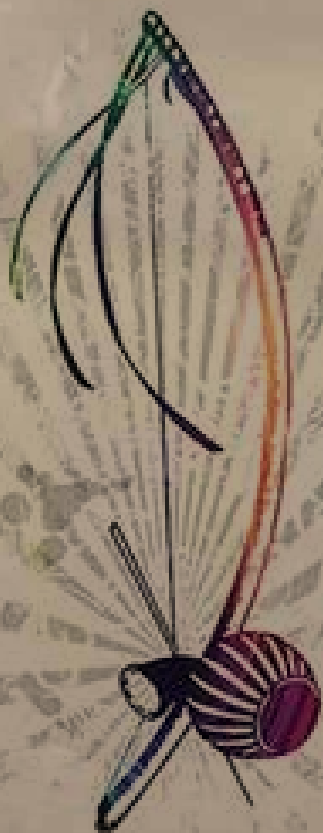
No mesmo ano, impressionam no Rio de Janeiro, na Fundação Progresso, e outro nome do rock nacional é fsgado pelo som, o ex-Legião Urbana Dado Villa-Lobos. Desse contato, rendeu a gravação de duas músicas com o legionário na produção: 100 km Com Um Sapato e O Assassino, pelo selo da Rockit!, que pertence a Dado, para a coletânea Bra-

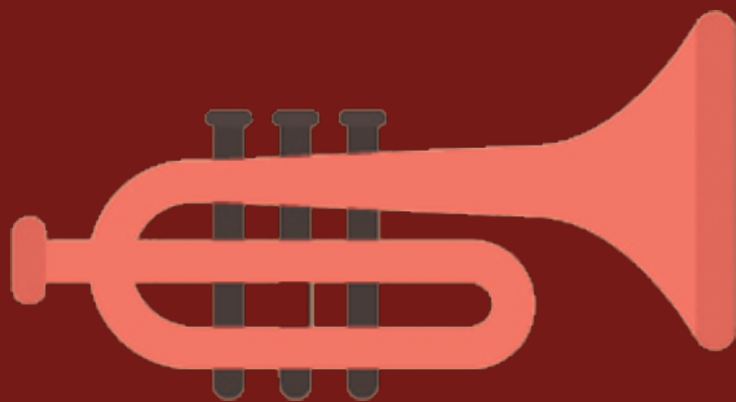


Capa - 100km com um sapato

sil Compacto. Além de várias edições do Abril Pro Rock, a Lacertae tocou em eventos e festivais importantes, como o Balaio Brasil, Rumos Itaú, October Independent Festival em São Paulo, Fasc e Projeto Verão Sergipe.

Encontraram espaço em veículos de comunicação, a exemplo da Folha de São Paulo, com matérias na famosa editoria de cultura Ilustrada. Lacertae também foi notícia na Bizz, e no Jornal A Tarde, da Bahia, o título trazia: “Barulho do Cabrunco”. Na tevê, foi ao Musikaos, apresentado pelo jornalista musical Gastão Moreira, e programa RG, ambos da TV Cultura, além das inserções na extinta MTV Brasil. (Estas imagens encontram-se disponíveis no Youtube.)





Capa - Berimbau de cipó imbé, 1999

Morte de Science, saída de Paulinho e surgimento do 'Berindrum'

“Eu não posso ficar parado assim, assim, eu não posso não ficar...”

O ano de 1997 foi difícil. A Lacertae sentiu muito a perda de Chico Science, e logo em seguida, por motivos pessoais, Paulo Henrique deixa a banda. Mas eles não podiam ficar parados assim. Os lacertaes tiveram que recorrer à sua essência criativa, precisavam se reinventar depois da saída de Paulinho, então Deon passa a assumir os vocais e, eles que sempre usaram instrumentos regionais como o pife,

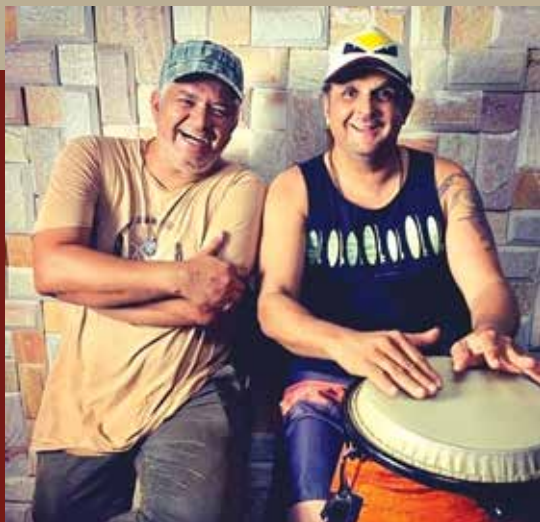
dessa vez foram sonoramente além.

Para suprir a falta do baixo e conseguir uma base com groove e dar uma sonoridade maior ao duo, Tacer tem a ideia de acoplar um berimbau à sua bateria. O resultado é surreal... Aldemir se vale apenas de uma baqueta, e alternando as batidas com o ferir do instrumento africano, a bateria vai soando um pouco de baixo, um pouco de efeito de guitarra. E essa amálgama sonora se chama berindrum (mistura de berimbau com drum – bateria em inglês).

Demos e discos

As demos do Lacertae - Circus Orquestra Primitiva e Fiat Voluntas Tua -, são marcadas por uma junção de primitivismo,





Show no Antigo Circo Emes

rock cru, guitarras pesadas e poluídas, pinceladas de grunge e letras abordando temáticas filosóficas e da cultura local. 100 km Com Um Sapato, traz uma guitarra com status de metal primitivo, o pife está presente, e as letras possuem temas reflexivos e surreais, algo bastante influenciado pela tônica intelectual e excêntrica de Paulo Henrique, leitor assíduo.

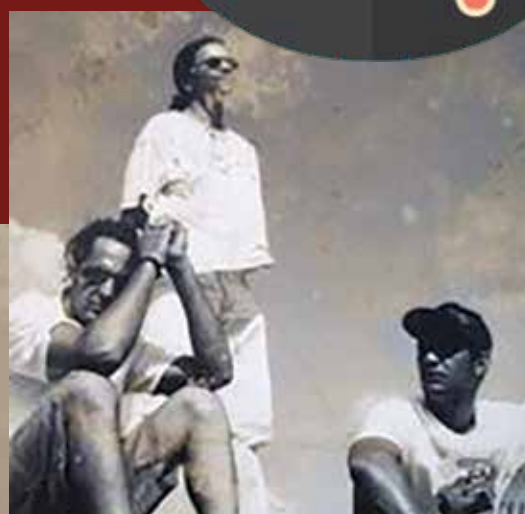
O primeiro disco do Lacertae, Berimbau de Cipó Imbé, lançado em 1999 de forma independente, condensa o rock com um melodismo regional carregado de world music. A composição visual estampava o talento do artista-plástico Gildecio Costaeira, irmão de Deon e primo de Tacer, responsável pela identidade visual

da banda. Em 2005, o disco A Volta que o Mundo Deu, apresenta uma suntuosa fusão musical, com a pluralidade instrumental fluida e intuitiva - marca da banda -, e traz uma das principais canções do Lacertae, Pra Que Pressa.

Em 2005, com a cantora Patrícia Polayne, criaram a trilha sonora do espetáculo do grupo Ôxente de Teatro, Casamento Suspeitoso, adaptação da festejada dramaturga Vir-



Lacertae na Pré-História, 1994





gínia Lúcia Menezes do livro homônimo de Ariano Suassuna, e direção de Luiz Carlos Reis. Em 2015, lançam o DVD *Aperipê Session*, para celebrar os 25 anos de atividade, mesclando músicas do Lacertae, do projeto solo de Deon (Cane-co D'água), e de Tacer (Unicampestre). Além de levar duas canções inéditas, Ali Babá e os 40 Ladrão e O Núcleo. Depois do retorno de Paulinho em 2017, lançaram dois singles, *Versacrum* e *Septem*, dois sons primitivo-cósmicos. Atualmente, Paulo se dedica ao seu solo *Cinemerme*. Este ano, a banda comemora 30 anos na cena independente, e conta com nova formação - o músico Igor Andrade assumindo o baixo - para novos projetos.

Num tempo em que o rock vivia um momento inglório no mundo, o som intuitivo de uma banda vinda de um lugarinho do menor estado do Brasil tomava os ouvidos de quem ansiava por uma reação do estilo. Hoje, o rock vive algo semelhante, e a Lacertae ainda tem ideias de sobra para mostrar à nova geração que há um céu tão bonito, apesar do rock andar tão triste. 



**Mais que
uma banda de
rock - jazz,
progressivo, world
music, regional e
folclore - Lacertae
é um símbolo**



Foto: Jamylle Rodrigues



As aventuras de Seu Euclides Parafusos (2007)

Um cinema negro de bonecos

**Wolney Nascimento
Santos¹**

wolneyns@yahoo.com.br

Fotos: Moema Costa

Em Sergipe, não há um levantamento preciso e sistemático da produção referente ao cinema negro e ao assunto “negro”. É algo novo! Apontam pesquisadores oriundos dos cursos de Audiovisual e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cinema-PPGCINE, ambos da Universidade Federal de Sergipe – UFS. Eles antecedidos por realizadores (as) em audiovisual em seus escritos e filmes produzidos, o Núcleo de Produção Digital (NPD) Orlando Vieira/PMA, a área do terceiro setor, em destaque o trabalho do Serviço Social do Comércio – SESC, por meio da Atividade Cinema; Mostra de Cinema Negro de Sergipe – EGBÉ, que pro-

move discussões e atividades sobre a diáspora negra, as africanidades e a produção do cinema negro; Mostra Pluriartística do Coletivo de Artistas Novembro Negro, com atividades educativas e culturais convergindo movimento social, educação e também exposições de cinema negro.

Em outro texto, publicado em 2019, expomos o caráter didático da abordagem do cinema negro dizendo: “Estabelecemos os primeiros pressupostos de caráter geral, nos quais o cinema negro tem como referência o trabalho do ator Severo D’Acilino – militante e fundador do Movimento Negro em Sergipe, Bahia e Alagoas –, ati-



vista dos direitos civis e coordenador-geral da Casa de Cultura Afro-Sergipana.”²

Pois bem, feito este prólogo sobre o estudo do Cinema Negro, que venho estudando e atuando na perspectiva da construção de uma cena local cinematográfica pelo viés da formação de plateia: envolvo-me com exibições de filmes e em rodas de conversa com realizadores(as) desde o ano 2008, quando iniciei as atividades no Sesc Sergipe na função de técnico de cinema.

O objetivo deste ensaio é um sucinto sobrevoo de forma descritiva sobre a produção do filme *Parafusos* (2007), que obteve o 2º lugar no CURTA-SE, Júri Oficial, e que compõe a trilogia *As Aventuras de Seu Euclides – Chegança* (2008), *Lambe-sujos* e *Caboclinhos* (2012), de Marcelo Roque Belarmino. A trilogia foi agraciada pelo Edital de Incentivo e Patrocínio do Programa BNB de Cultura e, em nossa perspectiva,

faz parte do Cinema Negro de Bonecos e/ou de Assunto Negro em Sergipe. A produção do primeiro filme *Parafusos* (2007) tem importância diferenciada, porque inicia o trabalho da equipe composta por jovens intelectuais realizadores(as), técnicos(as) em cinema e outros profissionais, estudantes de diversas áreas que, naquele momento histórico, estavam ajuntados coletivamente numa prática colaborativa: *Marcelo Roque Belarmino, Anselmo Seixas, Everlane Moraes Santos, Moema Pascoini, Vinicius Leite (Xucro), Bruno Monteiro, Moema Costa, Isabela Mattiazzo, Sidney Gomes, Cintia Santos Silva, Aécio Teles de Santana, Jamson Madureira, Márcio Prata, Alessandro Santana, Carlos Roberto do Santos (Jr.), Cícero Madureira, Aurélio Seixas, Isaías Santos Nascimento, Carlos Cruz, José Pereira (Zezinho), Pedrinho Mendonça, Tereza Mariana B. Cardoso, José Almeida Júnior, Gilvan Filho, Diane Veloso e Rubens Barroso*. Alguns desses profissionais tive-



Equipe do filme

ram a primeira experiência com o cinema no set do filme *Parafusos* (2007) e participaram em cursos promovidos por várias instituições. E, de fato, fizeram exercícios práticos de escrita de roteiro e de filmagens como regra da ementa dos cursos. Todavia, foi ali no set de filmagem que eles se reuniram e resolveram questões de produção, de estrutura estética e comerciais. Muitos acompanharam as filmagens do primeiro filme *Parafusos* (2007).

Professores, familiares e amigos nutriam expectativa sobre o trabalho desses jovens realizadores(as). Ali, nascia um coletivo de artistas audiovisuais que, mergulhados na necessidade da prática do cinema, assumiam a responsabilidade de manter o estado de Sergipe como atuante na realização de filmes originários da região Nordeste. Destaquem-se os realizadores Marcelo Roque Belarmino, Everlan e Moraes Santos, Moema Pascoini e Diane Veloso, que despontavam no trabalho autoral no cinema.

Marcelo Roque Belarmino

Um artista audiovisual

Marcelo Roque Belarmino nasceu em Maceió, estado de Alagoas em 1968. Ainda pequeno, veio morar em Aracaju no ano 1973. Fez a educação básica. Durante a adolescência, morou no conjunto Sol Nascente, no bairro Jabutiana, onde participou ativamente de atividades artísticas e culturais. Em 1990, atuou na área de publicidade na Direção de Arte na Mídia Publicidade Produções e Promoções Ltda, quando teve o primeiro contato com o cinema, trabalhou na produção de co-



Foto: Marcus Vinícius Santos Araújo



Marcelo Roque e Wolney Nascimento

merciais. Em 1991, prestou concurso público estadual e, em 14 de março, passou a trabalhar nos Serviços Gráficos de Sergipe – Segrase, editora do Diário Oficial do Estado de Sergipe. Em 1997, ingressou na Universidade Federal de Sergipe-UFS, para cursar Arte-educação (hoje, Artes Visuais). Formou em 2002 e, nesse mesmo ano, ingressou na Secretaria Municipal da Educação – SEMED/Aracaju mediante concurso público passou a lecionar a disciplina Arte.

No ambiente acadêmico, conheceu professores e pessoas que, de outubro de 1997 a dezembro de 1998, empreenderam uma reflexão sobre a prática de cinema em Sergipe: acreditavam que um dos pilares fundamentais do estudo de cinema em Sergipe passava pela estruturação dos proces-

sos de formação continuada. Defenderam e promoveram a criação de cursos de 20 horas, que foram ministrados por diretores do cinema nacional por meio do projeto denominado Plano Geral, que foi realizado pelo Fantomas, Sated e Lei de Incentivo a Cultura Municipal de Aracaju e por empresas incentivadoras e apoiadoras estabelecidas em Sergipe. Em evidência os cursos que Marcelo Roque concluiu: *A Produção Cinematográfica* – Moema Müller; *O Roteiro Cinematográfico* – Jorge Furtado; *Princípios da Montagem Cinematográfica* – Giba Assis Brasil; *Direção Cinematográfica* – Carlos Reinchenbach; *Fotografia para Cinema* – Cézar Elias. Esses cursos foram determinantes para que ele iniciasse no cinema.

Hoje, Marcelo Roque tem a própria produtora: a *Fazer Filmes Produções Ltda.* Em 31 de dezembro de 2018, aposentou-se do serviço público estadual, da Segrase, mas continua na prefeitura. Ilustra livros, desenha e pinta. Sua mais recente produção em cinema está em fase de finalização: *Tempos e Tempestades*, que aborda ocupações artísticas e culturais por intermédio das falas dos coletivos e de pessoas que tentam reaver, na cidade, locais para a performatividade artística.

Em entrevista, no dia 05 de outubro de 2019, no condomínio onde mora, na zona sul de Aracaju, Marcelo Roque Belarmino nos contou, em detalhes, como surgiram as primeiras ideias que conduziram o fazer do roteiro do filme *As Aventuras de Seu Euclides – Parafusos* (2007), contemplado no Edital Programa BNB de Cultura:

Em 2007, fui à casa de Anselmo Seixas – que era amigo meu das antigas. Anselmo é bonequeiro, e eu tinha feito um curso de Roteiro Cine-

matográfico com Jorge Furtado e outros cursos. A gente conversou muito! Tivemos a ideia de fazer a união entre os bonecos e o audiovisual. Escolhemos os Parafusos por ser um folgado originário de Sergipe. Tivemos uma ideia de fazer um boneco! Paralelo a isso, ficamos sabendo que tinha o Edital do BNB de Cultura. Escrevi o projeto, e o roteiro escrevemos juntos. Mandeí o projeto para o Edital do Programa BNB de Cultura. Quando saiu o resultado e os recursos, pedi a Jamson Madureira que fizesse os desenhos. Passei os desenhos para Anselmo e, ele a partir daí construiu os bonecos.

Perguntei: E, como era o projeto? O projeto já era As Aventuras do Seu Euclides?

Eu não lembro porque eu botei o nome de Seu Euclides. Eu não me lembro do personagem, entendeu? Lembro que, num curso de modelagem ministrado pelo Professor João Valdênio, na UFS, peguei o barro e modelei a imagem de uma lata de cerveja amassada. Daí ficou parecendo uma boca de um velho. Continuei modelando até chegar à forma concreta de um rosto de um velho. Fotografei. Eu tenho a foto aí! Peguei a foto e passei para outro colega artista Jamson Madureira para fazer um desenho. A foto e o desenho do velho, feito por Madureira, passei para Anselmo Seixas. Ele desenvolveu o boneco Seu Euclides, entendeu? Primeiro, encaminhamos o projeto com o título As Histórias de Seu Euclides. Depois, mudamos





para As Aventuras de Seu Euclides. Inclusive foi até uma sorte, uma coisa boa! Por que tem o Euclides, aqui, do Guerreiro Treme Terra, lá da Caixa D'água, no bairro Cirurgia.

Perguntei: Então, no primeiro momento, não foi essa a intencionalidade de homenagear Mestre Euclides?

Não, não. Não lembro o porque? Foi coisa assim, precisava do nome do personagem e me lembrei do Seu Euclides. Foi coincidência, ou vai ver que estava na minha mente sem perceber.

Sobre essa questão, inferimos que, certamente, a imagem formada a partir da lata amassada, junto com o desenho/esboço do rosto do velho, acionou o pensamento e a memória conservados para reencontrar a imagem e as reminiscências, originando a representação do Mestre Euclides, que, na lembrança coletiva da nossa geração, era personalidade viva da cultura de tradição. E tivemos a oportunidade de ver, por diversas vezes, as apresentações dele nas festividades do Centro de Criatividade, no bairro Cirurgia.

Em relação ao roteiro, trata-se de filme curta-mentragem, com forma estética no cinema de bonecos e formas animadas. Segundo Marcelo Roque, teve influência do seriado *Cocoricó*, da TV Cultura de São Paulo, que o inspirou para a criação dessa linha com bonecos e, logo depois, o teatro do *designer* e manipulador Jim Henson: criador do Teatro dos Muppets, Vila Sésamo, Muppets Babies, sucesso nas séries e especiais na televisão e no cinema. Esse tipo de teatro fez do seu criador, Henson, notável no assunto. No caso de Marcelo e Seixas, seus personagens são bonecos, animais e objetos que ganham mecanismos

para se movimentar. Entretanto o pano de fundo das histórias são as manifestações folclóricas de Sergipe, tendo a *mise-en-scène* numa representação alegórica da festa popular. Sobre seu filme, reiterou Marcelo:

hoje em dia, eu sei que é Jim Henson. Mas, naquela época, eu não sabia quem ele era? Nem conhecia a história dele. Depois percebi que a base dos meus filmes vinha dos Muppets. Veio desse cara: Henson. É uma categoria específica, nem é teatro de bonecos, nem é animação! Para mim, hoje em dia, eu considero como uma categoria específica: filme de bonecos manipulados.

Essa categoria de filme e/ou cinema de bonecos pode talvez responder sobre a produção de Marcelo Roque Belarmino de 2007 a 2012: um cinema negro de bonecos. Por que não é teatro? No teatro, a ação dramática é contínua diante da plateia. Não podemos dizer que é um cinema de animação, por conta do princípio do movimento na animação, é o quadro a quadro. É cinema de bonecos manipulados; e a história está estruturada numa narrativa cinematográfica. É Cinema Negro, porque seu realizador é negro e se reconhece negro. Também, parte de sua equipe é negra. É Cinema Negro, porque conta a história das reminiscências das etnias negras do Brasil. O personagem principal, Seu Euclides, é um velho negro sergipano do interior que conta as histórias dos escravos e dos afrodescendentes. O filme, além de contar a representação da manifestação folclórica, se propõe, com a estrutura estética do cinema de bonecos, a aproximar crianças e adultos por meio da representação lúdica e poética dos materiais, objetos, roupas e cenários, que apontam vida – numa forma concreta de cinema, na

qual atores, animais e coisas são reinventados. Marcelo Roque mostra a história que o folgado conta e, por sua dinâmica de apresentação, algumas vezes o público não entende claramente o enredo da dança ou do folgado folclórico. Nesse sentido, seu filme tem caráter didático, utilizando na história os recursos de tempo e espaço.

A história do Filme

*Grupo Parafusos da
cidade de Lagarto/SE*

*Quem quiser ver o bonito
Saia fora e venha ver
Venha ver os parafusos
A torcer a distorcer...*

A partir do mito fundador da história do Grupo Parafusos, da cidade de Lagarto/SE, Marcelo Roque desloca o foco da narração para o personagem Seu Euclides, que, por uma alegoria cênica, conta a história estruturada em *flashback*. Buscando reminiscências de sua memória, lembrou quando menino que vivia com seus pais na senzala, no regime da escravidão, o medo que sentia diante das assombrações e visagens que assustavam as pessoas nas noites de lua cheia – na verdade, era a dança Parafusos que os negros faziam quando fugiam dos engenhos para se amalar nos canaviais e matas e depois criar os mocambos e o Quilombo. No momento da fuga, os negros brochavam o rosto de branco (tabatinga) e vestiam as anáguas das sinhazinhas que estavam no quarador, “cobrindo todo corpo até pescoço”. Usavam um chapéu branco em formato cone e saíam rodopiando e saltando



como assombrações. Após o término da escravidão, os negros mantiveram a tradição da dança. Na cidade de Lagarto/SE, o padre José Saraiva Salomão, ao ver os negros evoluindo no entorno da igreja matriz com rodopios, torcendo e destorcendo, batizou-os de *parafusos*.

Curiosidades nas Filmagens de *Parafusos* (2007)

I

A produção alugou um galpão no centro comercial da cidade de Aracaju, nas imediações da Rua Lagarto com Av. Coelho e Campos, próximo à loja Agrovél. Os cenários nos quais aconteciam as cenas foram montados em vários pontos do galpão. Logo de início, Marcelo e o diretor de fotografia, Vinicius Leite (Xucro), perceberam que os equipamentos de luz que foram cedidos pelo (NPD) Orlando Vieira/PMA e a câmera para a filmagem não lograriam êxito na empreitada. Xucro tinha comprado uma câmera DVCAM e a utilizou nas filmagens, dando maior precisão à filmagem. Mas perceberam que a iluminação não dava conta, pois o cenário principal abarcava metade do galpão. O céu e as nuvens foram pintados na parede, e “não tínhamos noção de como iluminar todo esse ambiente”. Diante de alguns problemas na iluminação dos cenários, Xucro convidou o realizador e professor de fotografia para cinema (o belga) Damien Chemin, que estava ministrando um curso no Núcleo de Produção Digital (em que Xucro era aluno) para dar orientação. Damien disse:

rapaz, aqui eu não vou dar jeito algum. Mas vou dar uma alternativa: vocês instalem 6 (seis) luzes de poste de 220 watts, para iluminar o cenário, e, em cima das lâmpadas, você coloque um plástico branco ou um pano branco, para difundir a luz no ambiente.



Moema Pascoini e Cícero Madureira

Isso foi feito, e o problema foi resolvido consideravelmente. Em seguida, Moema Pascoini foi convidada para fazer parte da equipe de fotografia, junto com Vinicius Leite (Xucro), resolvendo as sutilezas da luz e da fotografia no *set*.

II

Outra história envolvendo a produção: o galpão continha um punhado de carradas de areia que a equipe teve de tirar, limpar e lavar para montar os cenários; e o principal era o sítio de Seu Euclides, com cerca, cancela de entrada, casa de taipa, árvores e objetos em formato reduzido. Após a cenografia montada, na noite que antecedia o início das filmagens, uma torrente chuva caiu sobre o teto do galpão, que tinha um punhado de pingueiras, e o piso ficou com dois palmos

de água. Foi-se embora tudo! Num rufar de tambores, a produção e as equipe correram para refazer os cenários.



III

A primeira cena do filme é um *travelling*. A equipe não tinha recurso para locar equipamentos *travelling* pneumático tubular. Então, utilizou a câmera acoplada a um carrinho de supermercado. Resultado: as imagens capturadas ficaram trêmulas. Na edição, encontramos uma formidável imagem com rangido de carro de boi chegando ao sítio de Seu Euclides.



Contar um pouco sobre o artista Audiovisual Marcelo Roque Belarmino e a produção do primeiro filme *Parafusos* (2007) da trilogia *As Aventuras de Seu Euclides*, momento histórico do cinema ser-

gipano, assim o fiz neste sucinto sobrevoo. Em outros momentos, discorrerei sobre outras Aventuras de Seu Euclides ou sobre outros filmes desse realizador, que aqui inferimos como de importante produção, que abarca uma geração de realizadores(as) do cinema sergipano. Mais adiante, essas produções e esses realizadores deverão ser pesquisados sob a metodologia de um olhar não apenas da memória e do reconhecimento, mas sobretudo do pensar-fazer cinema, a partir da própria vivência, na qual as inquietações das perguntas podem fabular inusitadas respostas.

És uma página, um capítulo, uma história do cinema de Sergipe. 



¹Mestre em Cinema e Narrativas Sociais (2018) pela Universidade Federal de Sergipe - UFS. Membro do Grupo de Pesquisa Corpo e Política. Professor da Secretaria Estadual de Educação de Sergipe/SEED. Supervisor de Cultura do Serviço Social do Comércio - Sesc, na Unidade Socorro.

²Ver detalhadamente SANTOS, W. N.; ZOBOLI, &. *Do teatro ao cinema negro no Brasil: marcas em Sergipe*. In: Nogueira, A. D.; FRANÇA, L. C. M.; SILVA, R. I. (Org.). *Cinema e interdisciplinaridade: convergências, gêneros e discursos*. 1ª ed. Aracaju: Criação Editora, 2019, v. 2, p. 173-192.

Poesia

Anderson Ribeiro



Nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1972. É poeta e jornalista. Como poeta foi premiado em concursos literários nos estados de Alagoas, Bahia, Rio Grande do Sul, São Paulo e Sergipe. Como jornalista passou pelas redações do Jornal Cinform, Aperipê TV e TV Brasil. Desenvolve o projeto Depoemetos - uma poesia por dia, no Instagram. Atualmente trabalha no Departamento de Comunicação do IFS – Instituto Federal de Sergipe.

MAIS UM DIA

Vai, pega teu copo
Da mais um trago
Bebê teu ódio
Viu? Deu no jornal
A gasolina disparou
O aluguel disparou
E mais uma arma disparou na comunidade
Foram 80
Foram 200
Foi de fuzil
De helicóptero
Quem se importa?
Vai, da mais um gole
Engole tua dor
Que essa vida não tá mole
Lê aí no teu jornal
Lucro dos bancos disparou
Número de agrotóxicos disparou
A informalidade disparou
A fome disparou
A miséria disparou
Aquele arma de novo disparou
Em mais preto
Em mais um pobre
Em mais um favelado
Em mais um viado
Em tantas Marielles
Vai, pega tua bebida
Lê o teu jornal
Traga verdades
É tanto ódio
É tanto óleo

É tanto disparo
É tanto fogo
Fogo! Fogo! Fogo!
Tem fogo na mata
Mata! Mata! Mata!
Tem gente morrendo
Meu Deus, quanto desrespeito!
Irmãos, peguem suas bíblias e destruam
aquele antro de blasfêmia e feitiçaria!
Irmãos, apedrejem aquela Madalena que
interrompeu mais uma vida!
Ela não tem o direito de tirar de nós
aquele Cristo que com nossas bíblias
haveremos de pregar na cruz dos dias.
Meu Deus, é tanto ódio
É tanto desamor
É tanto disparo
Senhor,
Quantos tiros ainda serão necessários
Pra alimentar esse noticiário.

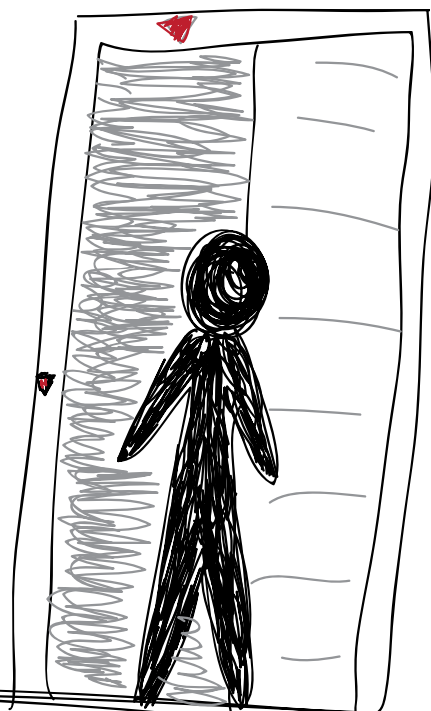
MENTALMENTE

E feito poeta escroto
Penso o tempo todo
No seu vestido florido
E você nele;
E você sem o vestido,
Despetalada.



ABDUÇÃO

Você se perdia no frio da cidade
Condensava no ar a respiração tão ofegante
Batia enlouquecida sua boca
Queria alcançar o céu;
Queria encontrar Deus
Queria confessar os seus pecados
Tão poucos... tão rasos...
Você se envolvia na neblina da cidade
Descortinava o ar tentando ir adiante
Desenhava desesperada portas sem saídas
Queria abrir caminhos
Queria achar o lá fora
Queria sair em fuga
Mas você estava fora...
E tão presa...
Nessa fumaça densa não há paredes
Não há trancas, amarras, fechaduras
Não há limites, fronteiras, abismos não há
Não há nada que te impresse de voar
Mas não há como crer no que não se enxerga
Não há direção, setas, sinais, luzes de emergência
Não há vidência, nem teletransporte
Não há nada que possa fazer
Você está imóvel e sem norte
Como dar um passo adiante ao desconhecido?
Se não há fé que se vê através do tempo
Não há óculos, lentes, visão de raio X
Não há anéis, lanternas, faróis
Você está só e preso
Só e com medo
E isso te deixa cego e no mesmo lugar
Você está só e esquecido
E esquecer-se é uma dor tão profunda quanto estar vivo.



PLATÔNICO

Sim, sei.
Sempre espreito da janela e vigio teu portão.

Sim,
Também sei que nem me notas
Mas a mim não importa se eu posso espreitar.

Ah!
Sei ainda de tanto te espreitar,
Quando estás feliz só com teus passos,
Leves, largos e com pequenos saltos para subir a calçada.

E assim
Sei também quando estás cansada,
Quando te arrastas,
Mesmo querendo alcançar rapidamente o portão.

Sim, assim eu sei, porque espreito da minha janela.
E da minha janela de espreita
Meu amor, com medo de altura,
Não pode chegar nunca até ela.

PERFIL

I

Todas as ideias me vêm em doses
Gotas,
Memórias póstumas de noites perdidas
Líquido bêbado reservado ao esquecimento
As palavras mortas já não falam
Só mistificam em versos fúnebres
Nada do real é certo
De perto somos anjos bizarros de asas quebradas
Voando por céus infinitos e distantes.

II

Traços dos nossos corpos nus
O nexo, o sexo, a versão
Religião opaca
Um embrião
O pecado.

III

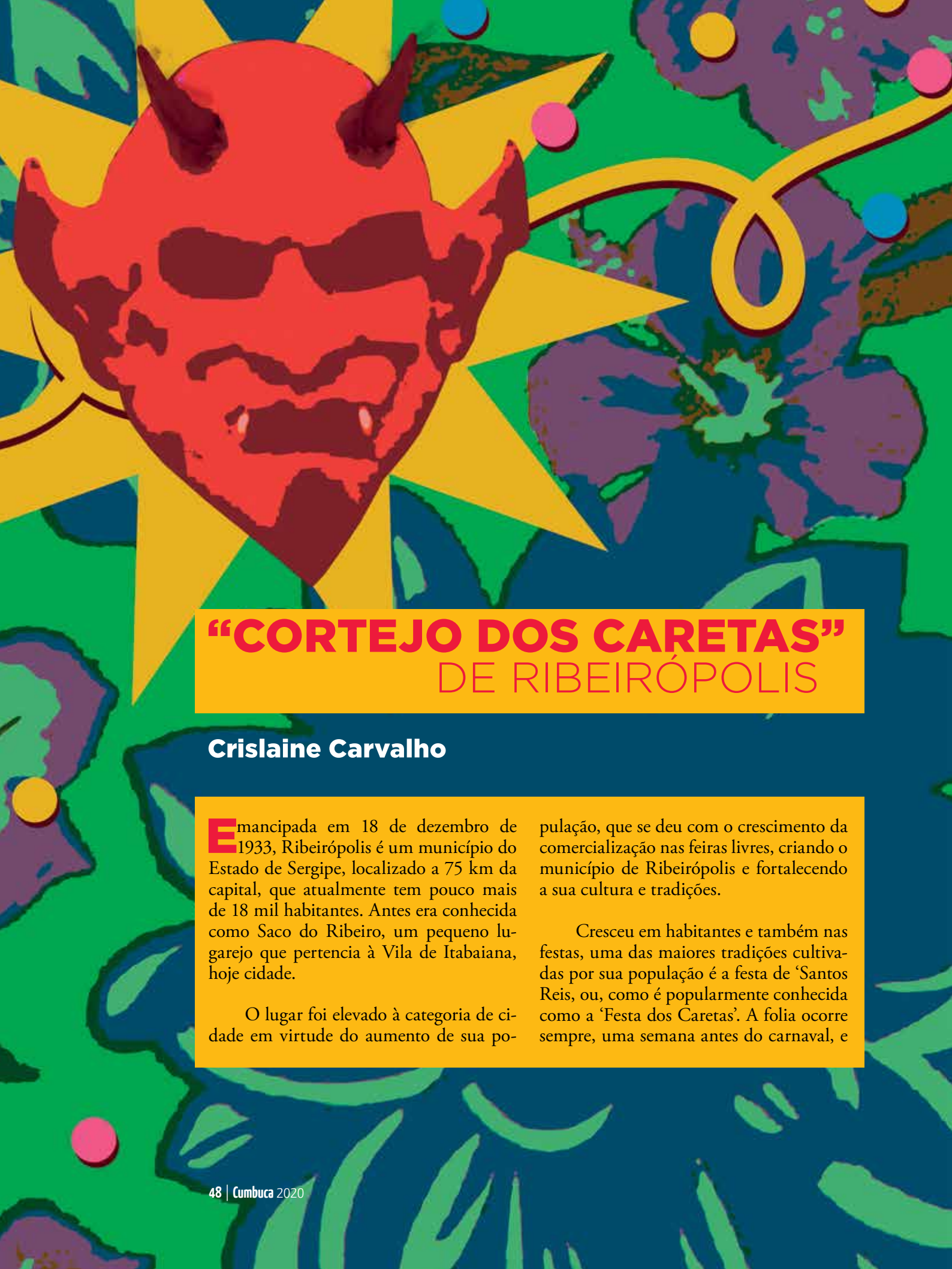
Os porões estão vazios
As sombras vagam soltas
Meu ego grita só
Minha carne dói
Meu corpo lateja
Meu sangue corre
Coagula minha alma
A cabeça gira
Estou tonto
Meu cérebro dorme sujo de óleo diesel
Meus olhos veem o fio
Mas as teias são transparentes
A vista arde
Parte a visão
E fere a imagem.

IV

Perdoem meus desacertos
A cara sem sorrisos
A garganta muda
A profunda vala do ser
Desculpe o engano
As rosas nunca foram azuis
Só belas
Elas disseram que o tempo é seco
E as lágrimas não chovem
Só espetam
Vejam minhas mãos
Elas agonizam
Mostram minha dor
Deixam brancos os meus braços
Minha pela
O meu corpo

V

Tragam-me a fé!
A cruz está quebrada
Mostrem-me a luz!
Um único instante
Tirem-me das trevas!
Meu último desejo
Façam-me o favor!



“CORTEJO DOS CARETAS” DE RIBEIRÓPOLIS

Crislaine Carvalho

Emancipada em 18 de dezembro de 1933, Ribeirópolis é um município do Estado de Sergipe, localizado a 75 km da capital, que atualmente tem pouco mais de 18 mil habitantes. Antes era conhecida como Saco do Ribeiro, um pequeno lugar que pertencia à Vila de Itabaiana, hoje cidade.

O lugar foi elevado à categoria de cidade em virtude do aumento de sua po-

pulação, que se deu com o crescimento da comercialização nas feiras livres, criando o município de Ribeirópolis e fortalecendo a sua cultura e tradições.

Cresceu em habitantes e também nas festas, uma das maiores tradições cultivadas por sua população é a festa de ‘Santos Reis, ou, como é popularmente conhecida como a ‘Festa dos Caretas’. A folia ocorre sempre, uma semana antes do carnaval, e

para os seus munícipes, vai além de uma simples festa, é uma forma de resgatar e manter suas raízes, através do folclore¹.

O folgado surgiu em meados do século XX, através de um fazendeiro influente, o Sr. José Robustiano Menezes, que foi prefeito da cidade por duas legislaturas, em 1935 e 1946. Também ocupou o cargo de presidente da Câmara de Vereadores, na época o atual prefeito, Josué Passos, afastou-se do cargo para candidatar-se a Deputado Estadual, fazendo com que Robustiano voltasse ao cargo de chefe do executivo, mesmo período que decidiu criar, na sua fazenda, uma forma de se divertir junto aos seus trabalhadores, no período carnavalesco.

Desde 1950, a festa começa às 5h da manhã, no Cruzeiro (praça) localizado na Rua Robustiano Menezes, primeira rua criada no município, com a banda de pífano e depois começa a percorrer as principais ruas da cidade. Após esse momento, por voltas das 7h da manhã, um grupo de pessoas se encontra caracterizados com roupas velhas, máscaras (conhecidas como caretas, que remete a ideia de cara feia) e tintas coloridas que são utilizadas durante o cortejo que circula pela cidade, onde “os

caretas” melam os participantes da folia, sem serem identificados.

Apenas homens se caracterizam, não há impedimentos para que as mulheres também participem fantasiadas, porém, a predominância da caracterização é mascu-

A ‘Festa dos Caretas’
ocorre sempre uma
semana antes do carnaval, e
para seus munícipes, vai além
de uma simples festa, é uma
forma de resgatar e manter
suas raízes, através
do folclore.

lina. As máscaras quanto mais tenebrosas melhor, a intenção também é assustar. As roupas utilizadas pelos homens são geralmente feminina, comumente doadas por mães, irmãs, tias, esposas, vizinhas, ...

Foto: Daniel Soares



Foto: Daniel Soares





Foto: Daniel Soares



Foto: Igor Santana Gois

À medida que vai passando pelas ruas da cidade, a população começa a acompanhar e participar da brincadeira, todos ‘munidos’ com tintas coloridas. Algumas famílias preferem esperar o cortejo na sua residência, muitas vezes com o intuito de desvendar a identidade daqueles que estão ‘disfarçados’ com suas caretas.

A tradição faz parte do calendário festivo do município, atrai inúmeros visitantes, e com o passar do tempo, a tradição cresceu, hoje a festa que ocorre sempre aos domingos, conta com trio elétrico e carro pipa, para animar e refrescar os foliões.

O festejo, em 2015, foi considerado Patrimônio Cultural e Imaterial do Estado de Sergipe, após ser sancionada a Lei número 8.067/2015, fato importante para manter a tradição e história do município viva. 

¹**Folclore** é o conjunto de tradições e manifestações populares constituído por lendas, mitos, provérbios, danças e costumes que são passados de geração em geração. Disponível em <https://www.sig-nificados.com.br/folclore/>.



Foto: Alan Tchan

Elementos espanhóis em Sergipe del Rey.

Robervan Barbosa

Os indígenas que habitavam o atual território sergipano eram de diversas nacionalidades como kiriri, xocó e tupinambá. O contato com europeus se deu por volta do ano de 1575 com o processo de catequização dos indígenas feito pelos padres jesuítas João Salônio, espanhol da Catalunha e Gaspar Lourenço. A fundação das aldeias de São Tomé, Santo Inácio – nome em homenagem ao espanhol fundador da companhia de Jesus – e São Paulo deu origem, posteriormente, aos atuais municípios de Santa Luzia do Itanhy e Itaporanga d’Ajuda.

Foto: Robervan Barbosa



Catedral Nossa Senhora da Vitória, em São Cristóvão

Outros elementos não indígenas que retiravam a então madeira valiosa, pau-brasil, na futura Capitania de Sergipe del Rey, foram os corsários franceses. Em aliança com os indígenas da nação tupinambá convenceram-nos de impedir¹ a passagem por terra dos portugueses vindos da capitania da Bahia de Todos os Santos em direção à capitania de Pernambuco. Essa atitude lhes foi fatal, pois quando o Brasil esteve sob administração espanhola no período conhecido como União Ibérica entre os anos de 1580 e 1640, veio do rei espanhol Felipe II, a ordem da ocupação colonial entre o rio Real e o Rio São Fran-

A fundação das aldeias de São Tomé, Santo Inácio e São Paulo deu origem, posteriormente, aos atuais municípios de Santa Luzia do Itanhy e Itaporanga d’Ajuda.

1. NUNES, Maria Thetis. Sergipe Colonial I. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.1989.



sesmarias e seus proprietários sesmeiros. A maioria dessas pessoas era procedente da Casa da Torre.

cisco.

A ação belicosa que ceifou a vida dos indígenas ocorreu no alvorecer do ano de 1590. A expedição organizada por Cristóvão de Barros partiu da Casa da Torre, atual Praia do Forte – BA, com um exército de 5000 homens. Após o embate foi fundada a cidade-forte Real de São Cristóvão, a então sede da capitania de Sergipe del Rey, perto da foz do rio Sergipe. Em 1607 São Cristóvão foi reedificada próximo ao rio Vaza-Barris, pois ali, devido ao seu relevo, evitar-se-iam ataques dos piratas franceses que poderiam vir pelo mar.

A ocupação colonial ibérica na nova capitania tem registro nos nomes de pessoas que recebiam terras para criação de gado. Estes lotes eram chamados de

A distribuição destas terras foi feita entre os soldados que acompanharam Cristóvão de Barros no ataque aos indígenas além dos religiosos, ouvidores, rendeiros e escrivães, alcaides e almoxarifes. Alguns dos nomes e sobrenomes dos sesmeiros são comuns na Espanha como Gaspar Meirens, Domingos de Villachan, Francisco Roiz e Ambrósio Garcez. Segundo Felte Bezerra² não seria absurdo entrever a participação de espanhóis na formação de Sergipe, uma vez que, nos primeiros tempos, portugueses e espanhóis eram os dois concorrentes pela posse das terras do continente americano. Assim, misturaram-se nas tripulações dos navios para o povoamento das terras de além-mar.

As seis décadas em que Portugal perdeu a exclusividade de exploração e colonização do Brasil favoreceu para inserção sociocultural espanhola no país. Na capitania de Sergipe del Rey notam-se ele-

2 BEZERRA, Felte. Etnias Sergipanas. Aracaju: Secretaria da Educação e Cultura e Subsecretaria da Cultura e Arte, 1950.





São Domingos De Gusmão

mentos da genealogia em sobrenomes de famílias tradicionais como Aragão, Ávila, Calazans, Lopes, Mendonça, Menezes, Nunes e Sanches.

Além disso, na arquitetura, a Praça São Francisco, localizada em São Cristóvão – SE e tombada pela Unesco como Patrimônio da Humanidade, apesar de não possuir um pórtico, apresenta um traçado urbano de origem espanhola único no Brasil. Arquitetos credenciados pela Unesco identificaram em seu conjunto arquitetônico, onde está a igreja e convento

São Francisco, um dos maiores traços que restaram do Brasil colonial sob o império de Felipe II, semelhante às Plazas Mayores das antigas cidades espanholas. Essas características também podem ser encontradas em cidades mexicanas, entre outras contemporaneamente colonizadas pela Espanha.

Ainda em São Cristóvão a construção da igreja paroquial Nossa Senhora da Vitória, entre 1608 e 1616 por padres jesuítas, contemporânea do período de domínio espanhol no Brasil, também indica

A Praça São Francisco, localizada em São Cristóvão – SE, apesar de não possuir um pórtico, apresenta um traçado urbano de origem espanhola único no Brasil

a sintonia luso-hispânica no campo arquitetônico e religioso.

Na religiosidade cristã destacam-se padroeiros e santos espanhóis venerados em Sergipe como São Domingos de Gusmão, Divina Pastora – hoje padroeira do Estado - Santa Teresa d'Ávila e Virgem de Guadalupe. Apesar de ser concebida popularmente como de origem mexicana há que se considerar que o culto guadalupenho teve início na Espanha.

Os 430 anos de história que confirmam a transição de capitania para província e posteriormente Estado, demonstra que Sergipe guarda riquezas históricas reveladas e ainda por descobrir de diversos povos como os indígenas, os africanos e também dos espanhóis, pois como afirmou Vainfas.³ “Os espanhóis fazem parte da História do Brasil desde os primórdios da colonização. Sua importância foi, sem dúvida, silenciosa, porém importante”.

Desprovido de qualquer visão ou interpretação ufanista, colonialista ou eurocentrista, é preciso reconhecer que Sergipe possui elementos raros que remontam a história do país, principalmente durante a união das monarquias ibéricas. 



Santa Teresa d'Ávila

Foto: Robervan Barbosa



Casa da Torre

3. GUIMARÃES, L. M. P e VAINFAS, Ronaldo. Sonhos galegos: os espanhóis no Brasil. In: IBGE: Centro de Documentação e Disseminação e Informações. (Org.). Brasil 500 anos de povoamento. 2 ed. Rio de Janeiro: p. 100-121, 2000.

ATHENEU SERGIPENSE – 150 ANOS DE HISTÓRIA

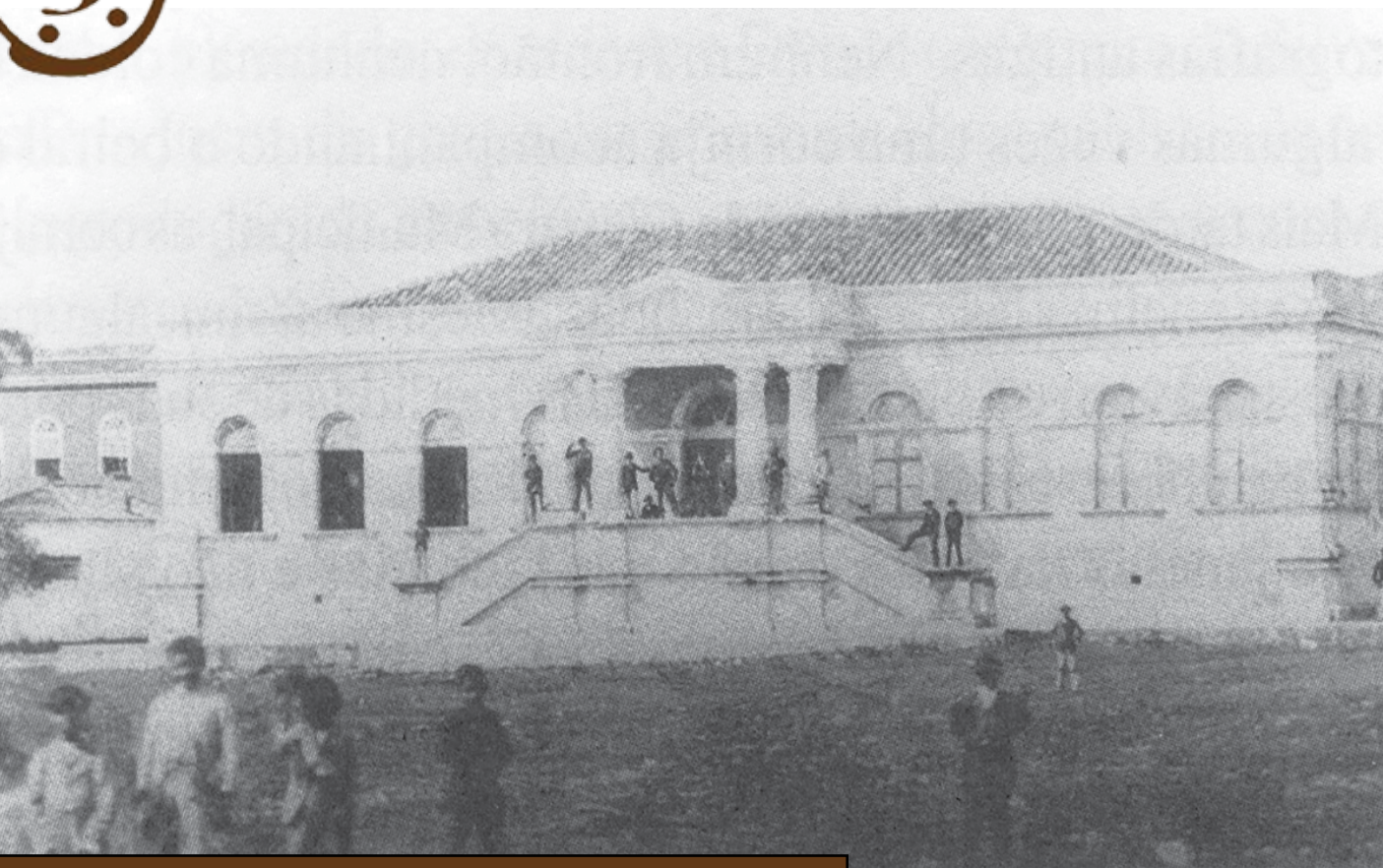
Eva Maria Siqueira Alves ¹

João Paulo Gama Oliveira ²

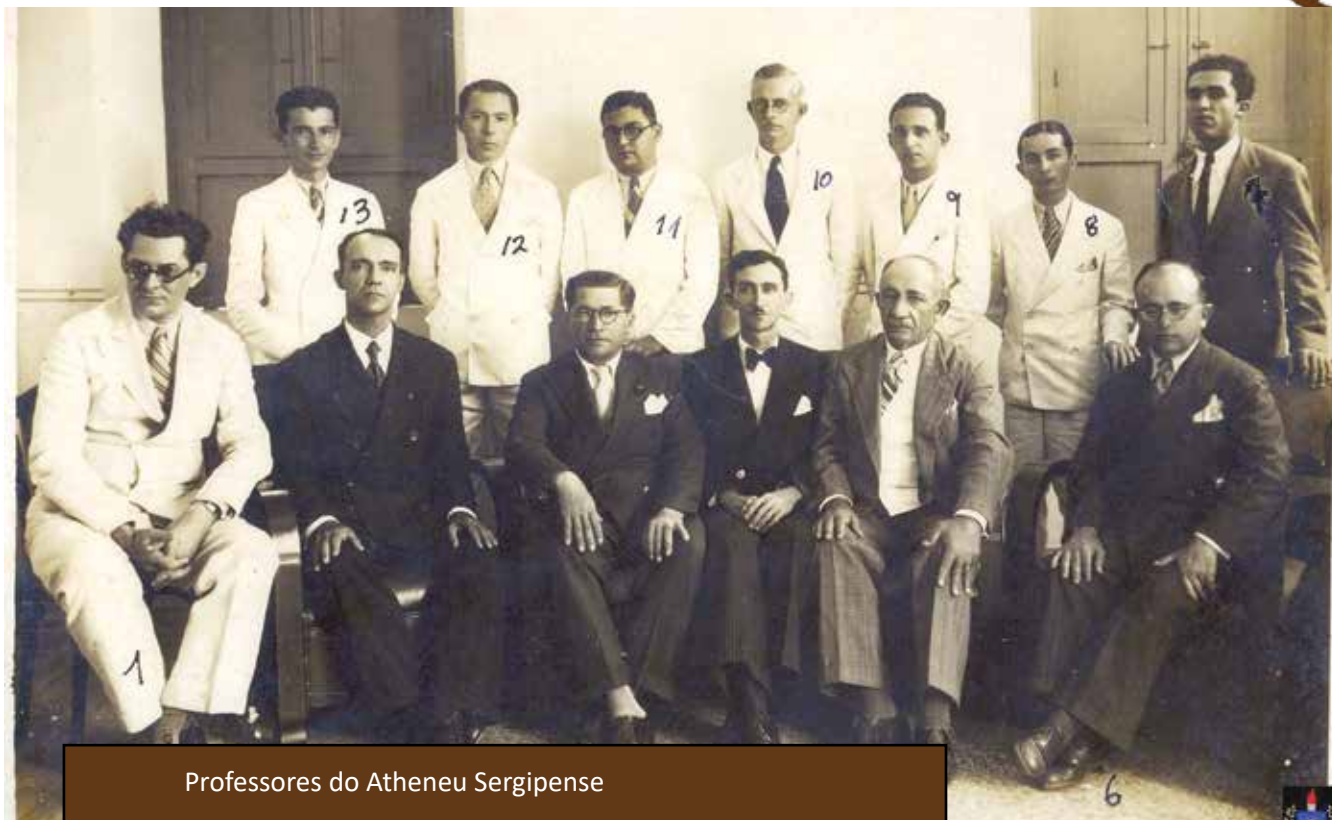
Quando os visitantes adentram no Museu da Gente Sergipana e desvendam que naquele espaço funcionou uma escola de ensino secundário entre as décadas de 1920 e 1940, se surpreendem com a magnitude do prédio e a deslumbrante vista que aqueles alunos e professores de outra tinham do rio Sergipe. Durante o pe-

ríodo em que a escola lá funcionou, apelidaram-na carinhosamente de “Atheneuzinho”, título rememorado por muitos que por ali passaram e deixaram seus nomes gravados na História de Sergipe.

Se existe a surpresa com o prédio do século XX para aqueles que pouco conhecem Sergipe e suas histórias, imaginem



Prédio do Atheneu Sergipense, 1872



Professores do Atheneu Sergipense

quando tomam conhecimento que o Estado possui uma instituição educacional em pleno funcionamento desde outubro de 1870 até os dias atuais: o Atheneu Sergipense. Um marco para Sergipe. Um marco para a História da Educação no Brasil. Uma “Casa de Educação Literária” (ALVES, 2005) que festeja seu sesquicentenário.

Depois do “Atheneuzinho”, as aulas foram transferidas para um novo es-

paço próximo da antiga casa. Trata-se de um prédio construído com a finalidade de abrigar um quantitativo maior de alunos, inaugurado na década de 1950 e reinaugurado no ano de 2019, após uma longa reforma. Prédio novo e pronto para a festa! Mas, que histórias temos a contar sobre o “bom e velho” Atheneu? Vamos tentar, em poucas linhas e em largos traços, expor alguns elementos dessa história.

Ao longo dos anos, a instituição



Aula de Física do Professor João Alfredo Montes, 1954

secundária Atheneu Sergipense modificou sua denominação, conforme as exigências legais. As pesquisas indicam que assim esteve designada: Atheneu Sergipense (1870), Lyceu Secundário de Sergipe (1881), Escola Normal de Dois Graus (1882), Atheneu Sergipense (1890), Atheneu Pedro II (1925), Atheneu Sergipense (1938), Colégio de Sergipe (1942), Colégio Estadual de Sergipe (1943), Colégio Estadual Atheneu Sergipense (1970), Centro de Excelência Atheneu Sergipense (2003).

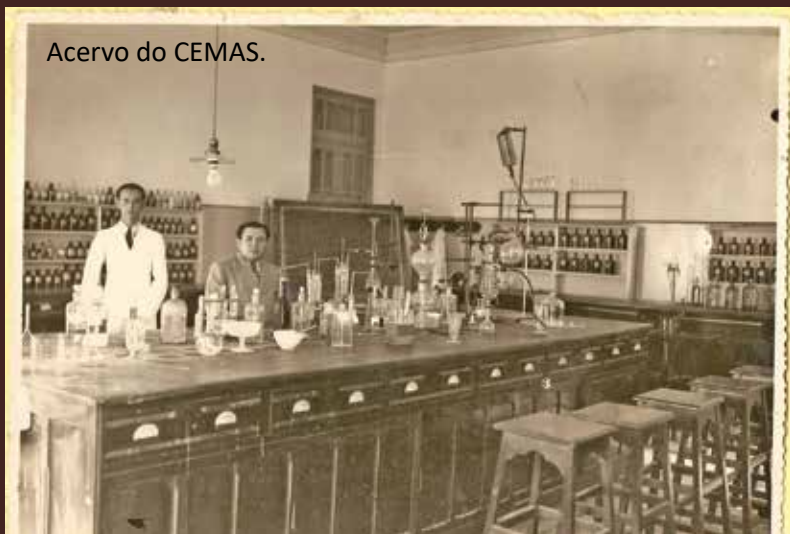
Entretanto, na tentativa de começar essa história pode-se afirmar que o evento cultural mais importante da década de

1870 na Província de Sergipe foi a criação do Atheneu Sergipense. Manuel Luiz Azevedo D'Araújo (24/11/1838 – 21/10/1883) desempenhava o cargo de Inspetor Geral da Instrução e elaborou o Regulamento Orgânico da Instrução Pública da Província de Sergipe, assinado em 24 de outubro de 1870.

Desde então, o Atheneu Sergipense não se afastou dos seus objetivos: ministrar uma instrução secundária, de caráter literário e científico, necessária e suficiente para viabilizar aos seus alunos o ingresso nos cursos superiores, como também o desempenho dos deveres de cidadão.

Todavia, o Atheneu Sergipense iniciou seus trabalhos em uma casa da Câmara Municipal, um local inadequado para as aulas. Com contribuições do povo sergipano, novo prédio foi erguido na Praça da Conceição, hoje Praça Olímpio Campos, sendo inaugurado em 3 de dezembro de 1872. Há indícios de que o Atheneu Sergipense esteve localizado, por volta de 1899, na Rua de Boquim. Mudou-se para a Praça Camerino em 1921, para a Avenida Ivo do Prado em 1926 e em 1950 para a Praça Graccho Cardoso.

Qualquer que tenha sido o endereço em que o prédio do Atheneu Sergipense funcionou, sua localização geográfica foi sempre a região central da cidade de



Gabinete de Química

Aracaju, à vista da sociedade. Seus sujeitos viam o ir e vir das ruas centrais da capital sergipana, assim como dele e nele também eram vistos. Andar por ali com sua farda era sinônimo de prestígio e também respeito por aqueles que a utilizavam.

Quanto aos personagens, observamos que a figura do diretor do Atheneu Sergipense nos anos iniciais de seu funcionamento constituiu uma condição de prestígio entre os intelectuais e professores. A promoção e nomeação era feita pelo Presidente da Província, tendo como requisito a comprovação do grau de instrução e moralidade, lembrando que tal incumbência deveria ser exercida voluntariamente. Administraram com afincio a instituição e não atuaram apenas nela, mas seguiram vida acadêmica, política, profissional, após a experiência no cargo.

O provimento das cadeiras, quando da criação do Atheneu Sergipense, fora feito pelo Governo, que, conforme regulamento, elegeu as pessoas mais aptas para o fim que se pretendia. (cf. Regulamento Orgânico da Instrução Pública da Província de Sergipe, 24 de outubro de 1870, art. 23). As demais cadeiras e vagas que surgiam só poderiam ser preenchidas pela forma de concurso. Os rituais, métodos, personagens, papéis e formas de julgamento são matérias bastante detalhadas nas legislações e demais documentações, que regulamentavam as provas de defesa de uma tese de livre escolha, defesa de tese sobre assunto sorteado, prova prática, quando a natureza da cadeira exigia, prova oral e arguição, sempre com o olhar vigilante de banca examinadora, como argumenta Souza (2016). Depreen-



Gabinete de História Natural

de-se, da análise da documentação, que os concursos se constituíam em púlpitos de demonstração dos intelectuais candidatos.

Por esse processo passaram sujeitos com diferentes formações: farmacêutico, médico, engenheiro civil, cirurgião, dentista, mecânico, músico. Constantemente, a imprensa local publicava artigos de autoria dos professores, nos quais esses disseminavam suas ideias e, assim, ganhavam cada vez mais visibilidade perante a sociedade.

Tais personagens, ao assumirem funções fora da escola, em diferentes circuitos culturais, extrapolavam os limites da instituição com estratégias de intervenção na sociedade, tomando assento em cargos legislativos, dirigindo órgãos públicos e políticos. Atuaram criticamente nas decisões da legislação educacional, emi-

tindo parecer sobre a legislação ao serem solicitados pelo governo ou ainda quando exigiam modificações no Regulamento da Instrução Pública do Estado de Sergipe.

Entre o final do século XIX e início do XX, assim como em outros países, a metodologia de ensino estava focada nas aulas experimentais, aulas vivas para a formação dos alunos, práticas vivenciadas nos laboratórios escolares, principalmente nas disciplinas Física, Química e Ciências



O Necdalpus, 1910. Acervo da Biblioteca Pública Epifânio Dórea



Fonte: O ATHENEU. Ano 1, n.1, 7, set. 1953. Acervo do IHGSE.



Fonte: A Voz do Atheneu, n.5, 1934. (RODRIGUES, 2015, p. 323).

Naturais.

Em Sergipe, a partir do Regulamento de 1925, as cadeiras de Química, Física e História Natural ganharam ampliação de carga horária, introduzindo o ensino teórico como reforço das experiências realizadas nos laboratórios e gabinetes. O Atheneu Sergipense possuía gabinetes de Física, Química e História Natural já nesse período, como analisam Alves e Gama (2018).

Por outro lado, conhecer o Atheneu Sergipense era roteiro obrigatório de autoridades políticas, membros do clero, ex-alunos, ex-professores, desembargadores, jornalistas, militares, inspetores escolares e diretores de órgãos públicos. Registravam tais visitantes em documento denominado "Livro de Visitas" suas impressões sobre a instituição, o funcionamento da escola e principalmente as aulas nos gabinetes e laboratórios de Física, Química e História Natural, avaliando-os como modernos, equipados, adequados às necessidades e finalidades experimentais.

Ser aluno do Atheneu Sergipense, no passado ou no presente, constitui motivo de muito orgulho, sobretudo para aqueles que ingressavam em busca de uma formação intelectual, moral, patriotismo, espírito militar (COSTA, 2019), que se estabele-

cia por meio das disciplinas ministradas e convivência entre colegas e professores. O corpo discente empenhou-se por ministrar aulas noturnas para adultos, organizar agremiações, produzir peças teatrais e jornais estudantis, sob a vigilância atenta de professores e diretores, porém sem abdicar do teor de autonomia para, inclusive, escrever elogios, críticas e protestos.

O Grêmio Literário Clodomir Silva, criado em 10 de janeiro 1934 (RODRIGUES, 2015), exemplifica tais agremiações, cuja principal finalidade era o desenvolvimento de atividades literárias, como leitura, recital e produção de poemas, novelas e contos. Publicaram os seguintes jornais: A Voz do Atheneu (1934), A Voz do Estudante (1942), O Atheneu (1953), O Eco (1959).



Fonte: Alunas em aula de Educação Física, 1936.



Fonte: Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense



Fonte: Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense



Fonte: Atheneu Pedro II, 1936.



Fonte: Concludentes do Atheneu Sergipense, 1939.

Por fim, sem dissertar sobre todos os possíveis elementos que formam a alma do Atheneu Sergipense, tranquilizamos o leitor ao afirmarmos que a documentação produzida e acumulada que permaneceu na escola e não foi extraviada, encontra-se preservada no Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense – CEMAS. Instituído no ano de 2005, fruto de convênio firmado entre a Universidade Federal de Sergipe e a atual Secretaria do Estado da Educação, do Esporte e da Cultura, o CEMAS guarda documentos que possibilitam aos historiadores e demais interessados investigar diferentes aspectos da His-

tória da Educação, além disso, há um incontestável objetivo de sua criação: salvar e guardar as fontes históricas daquela “Casa de Educação Literária”, parte significativa da história da educação de Sergipe.

O Atheneu Sergipense carrega em si as memórias de uma grande comunidade que tem na escola um lugar de afeto, recordações e reencontros em torno de um passado juvenil repleto de intensas vivências. Parte dessas histórias hoje estão conservadas no CEMAS.

Eis nosso presente para os 150 anos do Atheneu Sergipense! 



Fonte: Anuário do Atheneu Sergipense, 1936.



Fonte: Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipens



Fonte: Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipens



Professores do Atheneu Sergipense

Referências

- ALVES, Eva Maria Siqueira. O Atheneu Sergipense: uma Casa de Educação Literária examinada segundo os Planos de Estudos (1870-1908). 2005. 318f. Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.
- ALVES, Eva Maria Siqueira; GAMA, João Paulo Oliveira. Uma história das Ciências Físicas, Químicas e Naturais no Ensino Secundário (1882-1950). In: Hist. Educ. [online]. 2018, vol.22, n.56, pp.165-186. ISSN 1414-3518. <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/75932>.
- CEMAS, Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense. Livro de Atas da Congregação (1871-1916). Ref. 481FAS01.
- RODRIGUES, Simone Paixão. Com a palavra, os alunos: associativismo discente no Grêmio Literário Clodomir Silva (1934-1956). 2015. 337f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.
- SOUZA, Suely Cristina Silva. "Habilitado" ou "inhabilitado": os concursos para professores do ensino secundário em Sergipe (1875-1947). 2016. 398f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

1 Eva Maria Siqueira Alves

Professora Titular aposentada da Universidade Federal de Sergipe e voluntária do Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma instituição. Líder do Grupo de Pesquisa Disciplinas Escolares: História, Ensino, Aprendizagem (DEHEA/CNPq/UFS). Diretora do CEMAS.
E-mail: evasa@uol.com.br.

2 João Paulo Gama Oliveira

Professor Adjunto do Departamento de Educação (DEDI) da Universidade Federal de Sergipe. Membro dos Grupos de Pesquisa Disciplinas Escolares: História, Ensino e Aprendizagem (DEHEA/CNPq/UFS) e Relicário (DEDI/UFS/CNPq).
E-mail: profjoaopaulogama@gmail.com.

A Hemeroteca e o acervo do Diário Oficial do Estado de Sergipe

Wallace Douglas

O Diário Oficial do Estado de Sergipe conta com um acervo diversificado, pois, além do Diário Oficial tem também jornais de outras instituições, a exemplo de 'A Gazeta de Sergipe', 'O Estado de Sergipe', 'Opinião' e jornais históricos como o 'Recopilador Sergipano' e 'Correio Sergipense', todos prezam pela memória da cultura sergipana.

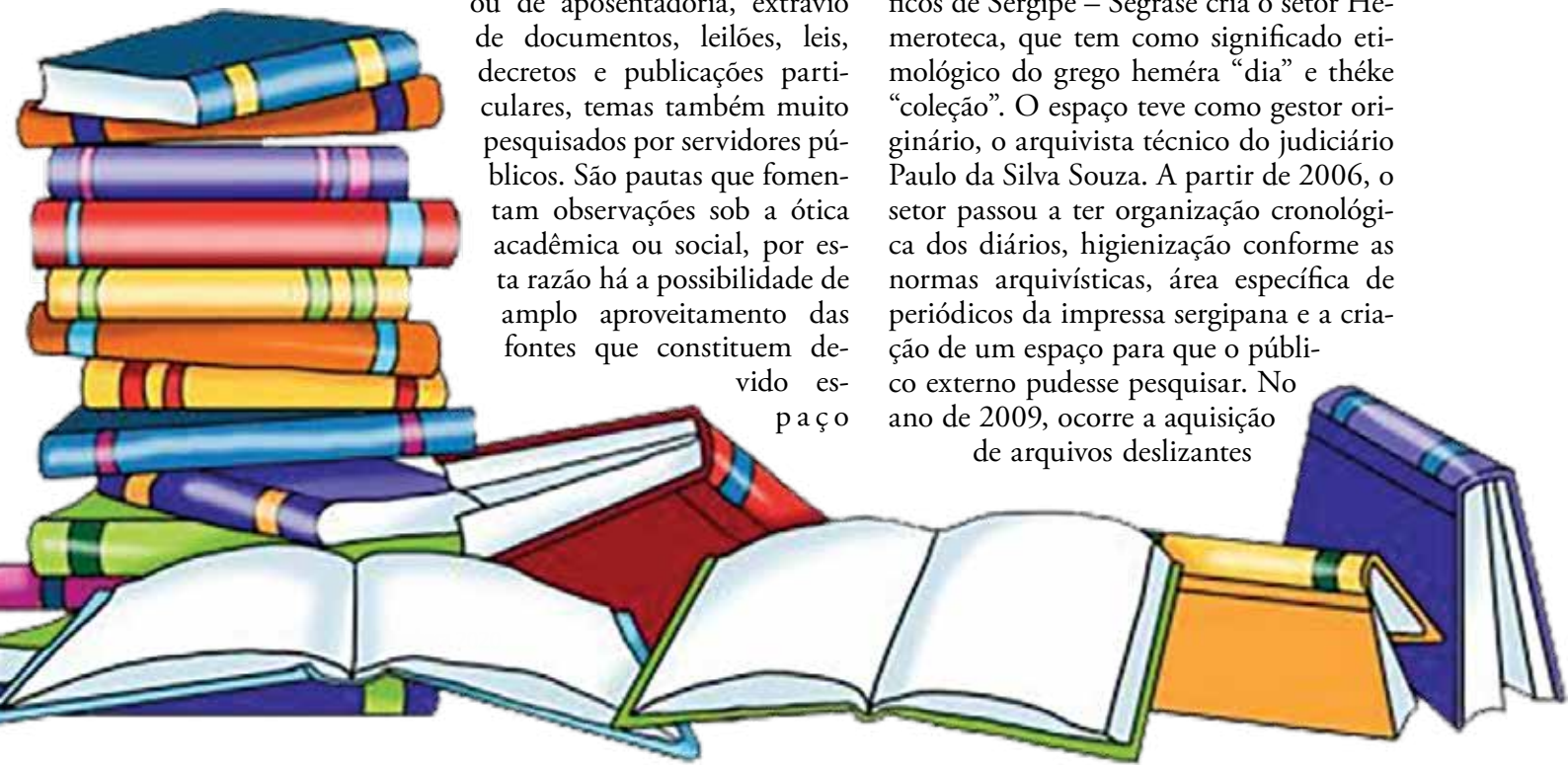
Nas publicações encontramos temas como: Cangaço, Segunda Guerra Mundial, governo getulista, atos do Poder Executivo, comemorações cívicas, publicações relacionadas ao cinema sergipano, Regime Militar, movimentos sociais e revolucionários, inauguração de instituições do governo, entre outros como, nomeações de cargos, exonerações, portarias de licença

ou de aposentadoria, extravio de documentos, leilões, leis, decretos e publicações particulares, temas também muito pesquisados por servidores públicos. São pautas que fomentam observações sob a ótica acadêmica ou social, por esta razão há a possibilidade de amplo aproveitamento das fontes que constituem devido espaço

para pesquisas e variadas produções históricas.

Desde a origem da imprensa oficial sergipana que as primeiras impressões do diário foram guardadas de forma rudimentar. A ausência de arquivamento sofisticado acontecia por conta das mudanças de endereços, locomoção indevida de jornais e atrasos de publicações devido a limitação tecnológica da época. Isso ocorre até a fixação do prédio no endereço atual na rua Propriá, centro de Aracaju que aconteceu na década de 50. Ao passar dos anos, o aumento da demanda de consultas resulta nas preocupações dos gestores e funcionários para que tivessem um setor específico para os jornais impressos.

Assim, a Empresa de Serviços Gráficos de Sergipe – Segrase cria o setor Hemeroteca, que tem como significado etimológico do grego heméra “dia” e théke “coleção”. O espaço teve como gestor originário, o arquivista técnico do judiciário Paulo da Silva Souza. A partir de 2006, o setor passou a ter organização cronológica dos diários, higienização conforme as normas arquivísticas, área específica de periódicos da imprensa sergipana e a criação de um espaço para que o público externo pudesse pesquisar. No ano de 2009, ocorre a aquisição de arquivos deslizantes





Arquivo deslizante

que guardam os exemplares de circulação e também servem para a elaboração de cadernos de consulta local.

Na Hemeroteca houve produções como a reprodução do primeiro mapa da Capitania de Sergipe Del Rey, organizada pela pesquisadora Anne Alice, o projeto Hemeroteca Digital através de um convênio firmado entre a Segrase e a Universidade Tiradentes, sediou as pesquisas para a produção do livro Imprensa Oficial do Estado de Sergipe: 123 anos, da autora Ana Lícia de Melo Silva e onde foram produzidas as imagens para o livro ata Maroim (1836-1891) da professora Maria Lúcia Marques. Estes últimos lançados pela Editora Diário Oficial de Sergipe.

A trajetória da ges-

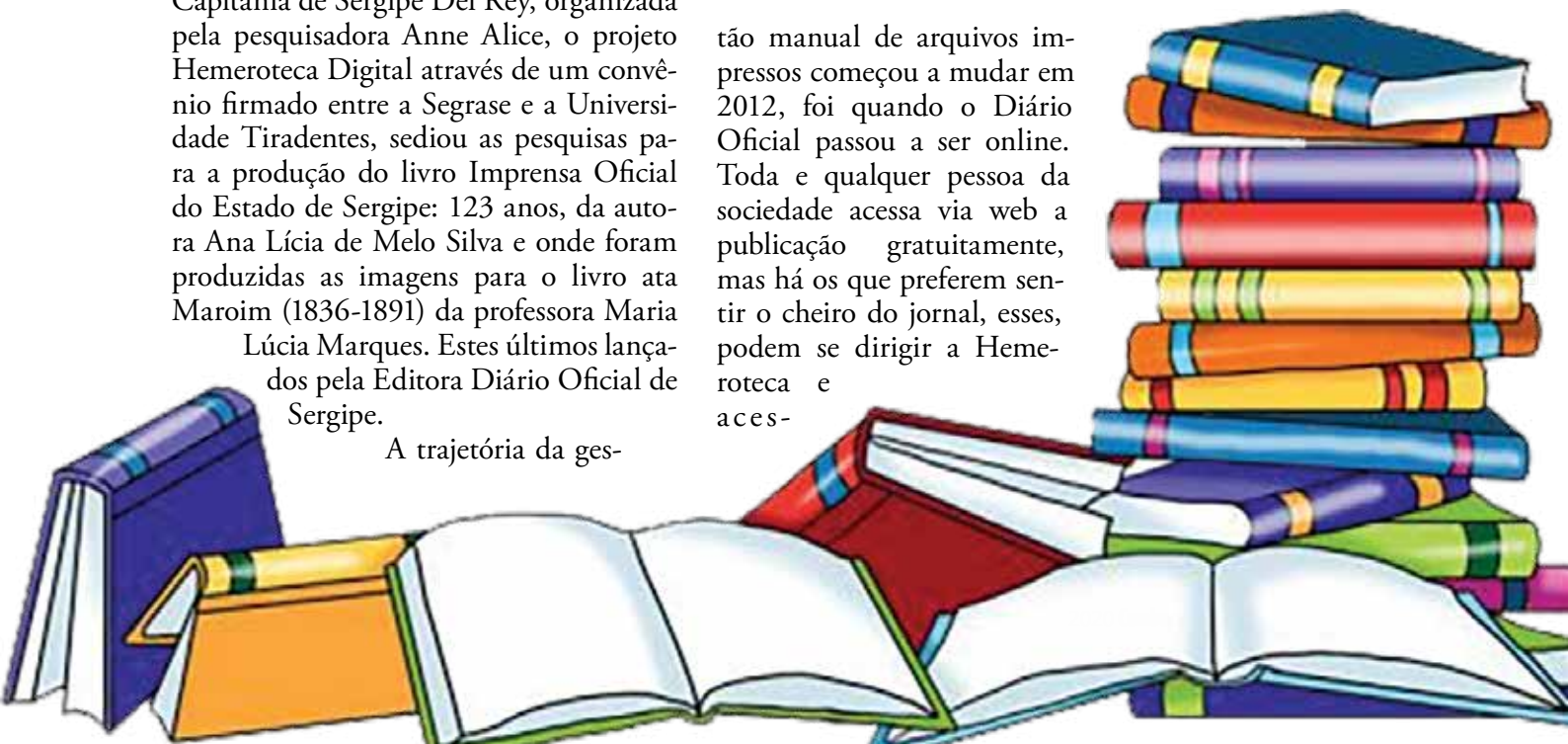


Primeiro Diário Oficial publicado em Sergipe



Foto: Anne Alice

tão manual de arquivos impressos começou a mudar em 2012, foi quando o Diário Oficial passou a ser online. Toda e qualquer pessoa da sociedade acessa via web a publicação gratuitamente, mas há os que preferem sentir o cheiro do jornal, esses, podem se dirigir a Hemeroteca e aces-





O presidente da Segrase, Ricardo Roriz o professor da Unit, Fábio Gomes e o coordenador da Hemeroteca, Wallace Douglas assinam convênio para o processo de digitalização

Foto: Ascom - Segrase



O coordenador da Hemeroteca da Segrase, Wallace Douglas e a equipe que realiza a digitalização

sar os mais de 100 anos de Diário Oficial. Conforme foi citado, o projeto Hemeroteca Digital iniciou seu trabalho com a captura de imagens dos diários em ordem descendente começando do ano de 2012. Por conta da intensa procura por exemplares das décadas de 60 a 90, a coordenação atual do setor apresentou ao criador do projeto, Prof. Msc Fábio Gomes Rocha (Universidade Tiradentes), a linha cronológica (2012-1895) de pesquisas que atende a perspectiva dos servidores públicos e aposentados que necessitam de publicações no diário para fins executivos e jurídicos imediatos.

O objetivo da digitalização é guardar as informações para que se preserve por meio digital a memória dos atos do Governo do Estado, já que todas as suas ações estão





Foto: Anne Alice



Foto: Anne Alice



Foto: Anne Alice



Foto: Ascom - Segrase

nas páginas do Diário. Outro ponto a ser observado com a digitalização é a facilidade de pesquisa por parte dos servidores públicos, acadêmicos, historiadores, pesquisadores e sociedade em geral.

No dia a dia, os técnicos que realizam o procedimento de digitalização se dividem em tratar e conservar os jornais, nisso inclui a retirada de grampos e cliques que danificam os papeis. O segundo passo é escanear as publicações. Na construção da Hemeroteca Digital são utilizados inteligência artificial, tratamentos de imagens e conservação de documentos. Um dos desafios é entender o vocabulário de edições antigas, principalmente as do século XIX.

Além dos jornais há outros periódicos de conteúdo cultural, literário e histórico na Hemeroteca, como a coleção da revista trimestral sergipana Cumbuca, o Correio Braziliense é outra coleção de interesse para a história da imprensa no Brasil ao lado de revistas, livros publicados pela Edise e alguns livros doados. A Hemeroteca é aberta ao público e possui trabalhos além da preservação da memória de Sergipe, pois tem a finalidade de também produzir história. 

**“A EDISE tem a grande
satisfação em fazer
parte dessas histórias”.**



Rua Propriá, 227 - Centro - Aracaju/SE

Tel: 79 3205 7421



**Tenha nossos livros em sua casa.
Compre pelo site: www.segrase.se.gov.br/edise**

CUMBUCA Nº 26

Cumbuca

Aracaju - Ano VIII - Nº 26 Março/20 - R\$10,00



EDISE

AGORA
DISPONÍVEL NA

escariz



EDISE

